

# A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Director-Presidente

ALFREDO C. DE F. ALVIM

Gerente :

VELVA P. DE SÁ FREIRE

Redacção : RUA 7 DE SETEMBRO, 174

Officinas : RUA DO CARMO, 55-A

ASSIGNATURAS :

Para os Estados	um anno.....	10\$000
	6 mezes.....	6\$000
Para o Districto Federal	um anno....	9\$000
	6 mezes.....	5\$000
União Postal.....		12\$000

## SUMMARIO

—	O Dever	Othello Reis.....	Educação do homem e do cidadão
Oswaldo Orico.....	Da disciplina escolar	C. Padilha.....	Historia
Alba C. Nascimento	A Philosophia na Escola Primaria	Othello Reis.....	Geographia
—	Os programmas mineiros	Noemia Siqueira e Inah	
—	Expediente	Martini.....	Lingua Materna
Mestre Escola.....	Tres palavrinhas	Olympia do Coutto....	Arithmetica
Jonathas Serrano...	Um programma de Português		

## O DEVER

Tão verdadeiras e tão adequadas ao momento são as palavras com que se referio, no admiravel monumento de bom senso politico que é, em suas linhas concisas mas incisivas, dignas de um Tacito, a introdução á Mensagem enviada pelo snr. presidente da Republica ao Congresso Nacional por occasião de se abrir, recentemente, a sessão da actual legislatura, que apesar de quanto envenenada insidia se tem distillado a proposito das suggestões nesse documento apresentadas pelo mais alto magistrado do paiz, apesar da vesga e malevolente discussão que se tem gerado nas columnas dos jornaes, embora elles proprios se digam sob o duplo ferreo guante de uma lei que tem sido dita «contra a imprensa» e de um sitio que enfeixa nas mãos do executivo todos os poderes da mais estreita dictadura, ainda ninguem se lembrou de nisto discordar, prégando não ser preciso restaurar no espirito nacional o culto civico da autoridade, sem a qual não pode sobrexistir á propria Patria.

Nunca se disse com tamanho desassombro palavras que mais merecessem ser ditas. Precisamos levar ao povo, a todos os cantos da nação, o evangelho da educação civica, do amor esclarecido da Patria, do respeito á lei e ás autoridades, do generoso sacrificio das commodidades pessoas em beneficio da collectividade da solidariiedade nas esperanças e nos soffrimentos nacionaes. Porque sem isso se dissolve a sociedade,

succumbe a consciencia da soberania, esmaece o prestigio dos brazões da Patria. Não seremos um povo, uma unidade com assento nas assembléas internacionaes, não poderemos fazer ouvida nossa voz, se nos deixarem equiparar por nossa propria responsabilidade, por mal do nosso indifferentismo deante da ara da Nação, ás tribus barbaras ou semi-barbaras em que perennemente se agitam os individuos mais fortes, mais sagazes ou mais astutos, para desthronar os chefes e pilhar, na balburdia, os thesouros da collectividade.

Mestres nacionaes ! Nesta hora que apesar de por toda parte triumphar a legalidade, não pode deixar de ser de angustia para os corações verdadeiramente patriotas, cerremos fileiras em torno do principio da autoridade, cuja subversão seria o sossobro da Patria, e cuidemos com particular carinho, mais do que de mobiliar de conhecimentos o espirito das creanças, de lhes formar o character de bons cidadãos, em que possa repou-sar tranquilla a esperança de melhores dias.

A Escola Primaria, que nunca teve um numero em que se não fizesse a apologia do patriotismo, do dever, da lei, da autoridade, sente-se confortada com o applauso que é, para a sua longa actuação, a cruzada tão judiosamente prégada pelo mais alto magistrado do paiz e promete apenas, como é obvio, perseverar nesse programma.

# 1 - IDÉAS E FACTOS

## DA DISCIPLINA ESCOLAR

Acertara Socrates, num dos claros devaneios de sua dialectica, justamente quando, a prever debates em torno de estatísticas judicarias futuras, disqueteava sobre a belleza e as vantagens de uma educação moral e esthetica sobre um ensino intellectual e scientifico.

Justificarei aqui o objectivo deste capitulo, que parecerá demasiadamente requintado e virtuoso, mas que esconde, nessa apparencia, a mais angelica das simplicidades. Uma educação esthetica para a infancia não quer dizer uma educação de ornatos e festões; não quer dizer um conjuncto de lambrequins e faustos; não quer dizer florilegio de theorias classicas nem de licornes consagrados. Significa, apenas, a educação na verdade e na ordem, entrando o sentimento como factor de belleza real e positiva. Significa tambem que a educação da mocidade deve estar intimamente ligada ás questões sociaes, e que hoje, mais do que nunca, a razão está com Bismarck, quando affirma devermos tornar acessivel a camadas cada vez mais intensas uma educação mais substancial e elevada, evitando que o processo primitivo de rudimentar meia-instrucção faça permanecer o desequilibrio entre as forças economicas e intellectuaes de cada paiz. A arte de educar é tambem a de adaptar o individuo á vida social. (1)

As realidades vão demonstrando que não é somente o utilitarismo o fim racional da escola. Ha, evidentemente, outro fim moral e esthetico. Para formar individuos leaes e integros, educam-se as creanças de forma que ellas encontrem prazer na virtude e desprazer no vicio. Não é, pois, a *utilidade* do bem que se ensina, diz-nos um pensador, mas a sua *belleza*, que faz com que o bem procure por si mesmo uma satisfação immediata.

Para Guyau, a escola utilitaria, querendo fazer assentar a educação moral sobre a imitação dos exemplos, sobre a consideração da utilidade e sobre as consequencias beneficas do altruismo, dimi-

nue nas creanças o espirito verdadeiramente moral, tirando-lhe o poder de praticarem o bem pelo proprio bem, independentemente do que outros fizeram ou farão. De igual maneira pensa Daumers, para quem a moral é o reflexo da intelligencia flexivel de cada homem que se educa para o Bello e para o Bem.

E agora que se definiu, com a possivel clareza, o fim deste capitulo, e que elle apparece menos formalistico e pretencioso do que poderia parecer, dou inicio á tarefa que me propuz realizar, indo aos bancos da escola primaria surprehender a intelligencia infantil.

Tratarei aqui do modo pelo qual a escola deve acolher a infancia. Já se vê que está neste capitulo um objectivo dos mais sensiveis e dos mais impressionantes e affectivos. A escola não está separada, infelizmente, em nosso meio, da idéa do terror. Quando se quer assustar a creança e coagil-a, ainda se lhe faz a ameaça de a mandar para o collegio. Essa prevenção, que se transmite sob a forma de castigo, incute-lhe, desde logo, um vago pavor do estudo. Esse, o erro inicial, que começa em familia, e se accentúa na escola, porque a creança, acostumada ao divertimento, á liberdade dos primeiros annos, á delicadeza de uma passageira imagem inexperiente, sofre um choque rapido e brutal com o contraste entre o descuido de então e a rigorosa disciplina que lhe succede. Fechada entre paredes, sente-se immediatamente atenzada, e aquelles mappas, aquelles globos que enfeitam a sala, dando uma apparencia de solennidades eruditas, aquella farandula de pesos e medidas que ornem as paredes e contrastam com o docel movediço dos hortos, tudo isso constitue, desde logo, uma paisagem sinistra para o espirito desavisado e travesso dos iniciandos.

Não foi senão como um largo movimento reaccionario, como um protesto mais sonóro do que anarchico, mais utopico do que aggressivo, que Tolstoi fundou na patria das velhas seitas a sua Escola d'Iasnaia Poliana, convencido de que toda regra escolar é illegitima, de

que a liberdade da creança é inviolavel e de que o professor deve até receber dos alumnos a indicação das materias a estudar e dos methodos a seguir.

Considerando com Jean Jacques Rosseau, o mais romantico dos encyclopedistas, que se deve deixar as creanças em presença das consequencias naturaes de suas acções, elle realisou a experiencia curiosa da *bella desordem*, productiva e fecunda. Desfiando o novello das conclusões spencerianas, (1) que appellavam para o fructo das *reacções naturaes*, Tolstoi desejava conceder á infancia a autoridade maxima, vendo na alegria e no tumulto dos que lhe iam escutar os ensinamentos, espalhados á feição de vespas intranquillas, o ritual da illimitada vontade humana.

E' evidente que não desejo, como paradygma dos meus intuitos de ordem, belleza e utilidade, o exemplo que nos dá o agitado pensador das Russias. Elle já foi optimamente definido como um poeta á procura de um methodo de educação utopico, sem regras nem disciplinas. Das suas licções escorré, todavia, um veio que, separado do tom novellesco, poderia satisfazer perfeitamente ao pensamento dos que desejam um ambiente saudavel, no qual as creanças não se julguem contrafeitas, e que possa mesmo, á semelhança de um jardim caricioso, de um caramanchel innocente e alegre, supplantar essa estiadora *morgue*, que outra cousa me não parecem determinados presidios escolares, duros como o carcere do Spielberg, e silenciosos como a habitação de que nos falla Dostoiewsky. Tolstoi seduz a attenção de Guyau. E este, fascinado pelo encanto de sua narrativa, não resiste á leitura do capitulo em que o glorioso slavo descreve a sua Escola.

— O professor faz a entrada na classe. No soalho estão estendidos em magotes, os rapazes, a chiar e a gritar. Olhem que me esborracham, rapazes! Apre! Não me puxes pelos cabellos! Piotre Mikailovitch, grita para o professor uma voz sadia, do meio do turbilhão, manda que me deixem. Bons dias, Piotro Mikailovitch, gritam os outros, continuando a barulheira. O professor vae

para os livros, distribue-os áquelles que o acompanham á estante. Os escolares, deitados em cima daquelle montão de creaturas, pedem livros por seu turno. A pouco e pouco o monte se vae desfazendo. Vendo os livros nas mãos da maior parte dos camaradas, os retardatarios correm para a estante a gritar: «E para mim? E para mim? Dá-me o livro de hontem... Eu quero o livro de Hortzev...»

O ardor da batalha arrefece e o ardor da leitura começa a reinar na classe. Com o mesmo fogo com que, ha pouco, puchava os cabellos de Micka, o collegial lê agora o livro de Hortzev, tem os labios entreabertos, os olhos brilham, sem ver á roda de si senão o livro. Tem tanto apego ao volume como teve á lucta, é a conclusão da theoria do mestre da lasnaia Poliana. Elle deseja a escola sem constrangimentos. A desordem causa e os discentes hão de procurar por si proprios a ordem e a harmonia. E, verificando todos os aspectos, parece-lhe a elle que todas as licções da tarde se differenciam das da manhã por um tom especial de tranquillidade e poesia, como a propria poesia se differença na finura de um rondel ou no aroma volatil de um cantico. Vem para a escola do crepusculo, supplica o Mestre. E com uma lenidade mixta de evangelizador e poeta, elle se põe a ensinar a melancolia da hora augelusente, como ás primeiras horas matinaes ensinaria a radiosa verdade dos instantes que nascem, e dos instantes que trazem o segredo de uma eternidade fragmentada em minutos ephemeros...

Deixemos, porém, a poetica visão com que o mais alto dos genios slavos definiu a moral do seu engenheiro, não sem reconhecer que, se é necessaria a disciplina, necessario é tambem que não o seja levada a um rigido e inexpressivo formalismo. As creanças necessitam, naturalmente, de uma orientação. Toda a sociedade humana está sujeita a leis, e não vejo porque se deva excluir das leis sociaes o mundo dos pequeninos. Mas essas leis devem ser brandas e affaveis. E' a natureza quem provoca o desenvolvimento physico das creanças. Nas horas em que esse desenvolvimento se opéra, é impossivel contrariar-a nos seus instinctos de movimento. Alegral-a é fazer com que passeie, com que a imaginação

(1) Montaigne — «Les caractères».

(1) Herbert Spencer — «Educação intellectual, moral e physica».

não se contenha no espartilho das salas em que se ouve o zumbir do moscardo. Alem de tudo é antipathico impor-se uma disciplina rigorosa a meninos que nunca ouviram fallar em Albino Jara e estão longe de conhecer a marcha homogenea de que se orgulha o espirito marcial dos povos centraes da Europa.

Em summa, a disciplina nas escolas primarias deve ser tão affectiva como a

instrucção; de uma tão commovida linguagem, que tenha mais o aspecto de appello que a catadura de imposição. Nisso está, muita vez, o segredo da concordia entre mestres e discipulos. E não será de extranhar que Bacon tenha tido mais uma vez razão, vendo no mundo das creanças, atravez do seu tumulto, uma infinita harmonia...

OŚWALDO ORICO.

## A Philosophia na Escola Primaria

### II

#### DETERMINISMO E LIVRE ARBITRIO

Exposição e critica das duas grandes correntes philosophicas. Ultimas conclusões a respeito da liberdade moral. Vantagens moraes e praticas da crença no livre arbitrio. O dever dos educadores. Appello aos pensadores patricios.

Em se tratando de assumptos philosophicos concernentes á conducta humana, orientadores do modo de vida individual e social, não podemos omitir o problema transcendente do determinismo e do livre arbitrio. E' sempre thema da maxima actualidade por continuar controvertido nas cathedras superiores, nos livros, nas revistas scientificas, nas polemicas entre sabios, em arengas entre ignorantes, na bocca do populo e até na discussão das crianças.

Liberdade de escolha, liberdade philosophica, liberdade moral ou livre arbitrio é o poder intimo de dirigir a vontade, de tomar a determinação que convier. Determinismo ou fatalismo psychologico é a doutrina que affirma que, como na natureza physica os efeitos resultam inevitavelmente das causas anteriores, tambem no mundo subjectivo as resoluções derivam de antecedentes psychologicos. Dizem os deterministas que a vontade é exactamente como a balança: os motivos são os pesos, imprescriptivelmente a balança se inclinará para o lado mais pesado.

Não ha na linguagem philosophica palavra que tanto tenha sido motivo de meditação, de investigações, de contestação como a palavra *liberdade*. De todos

os grandes philosophos, de Socrates a Hegel, não ha um só que não se ocupe da liberdade em seu systema philosophico, constituindo seu estudo a parte culminante e final de suas cogitações.

A doutrina da liberdade moral tem sahido victoriosa dos debates scientificos. O sentimento intimo e profundo de que somos responsaveis pelas nossas acções é a prova mais forte contra as objecções, — é realidade que se constata, e não ha argumento que possa prevalecer ao facto.

Seria absurda e monstruosa a hypothese da veracidade do determinismo psychico. — Sem liberdade não ha dever, merito, erro, nem necessidade de recompensa ou punição, nem satisfação intima, nem remorso, nem bem nem mal, a consciencia é uma palavra vã. Leis, tribunaes, contractos, tratados, conselhos, exhortações, supplicas, ameaças, todas as instituições politicas e sociaes não têm razão de ser sob o ponto de vista do determinismo.

Regeitar a crença na liberdade moral é a negação completa de toda a moral; é desligar o homem de toda a responsabilidade; é recusar o principio de acção sobre o qual está fundada a vida social — o dever; seria o aniquilamento systematico de todo o ideal, donde re-

sultaria a dissolução da obra millenar da civilização humana. Negar a liberdade é permittir ao homem a satisfação de todas as paixões mesmo as mais vis, sem que o possam preoccupar escrupulos de consciencia. — Para a obra educativa são desanimadoras as consequencias desta perigosa doutrina. E' bem a doutrina centro do materialismo, systema fundado sobre appetites grosseiros, que, desde Democrito, primeiro representante formal do scepticismo e do atheismo philosophico, se vem servindo das armas da razão para destruir a propria razão e erigir o interesse em norma suprema de acção, verdadeiro symptoma de degenerescencia e anarchia intellectual.

A philosophia, ha seculos, dividiu-se em dois campos antagonicos na maneira de interpretar os phenomenos relativamente á apreciação moral do universo e do homem: materialismo e espiritualismo, pessimismo e optimismo. O materialismo, philosophia que só acredita na corporeo e no tangivel, é realmente a philosophia da demolição e do desespero com a sua negação da consciencia. Foi da acção destruidora dessa philosophia, combinada com as differentes modalidades do scepticismo — o phenomenismo (Hume) e o criticismo (Kant, Fichte, Schelling e Hegel) — que resultou a crise de dissolução da sociedade com a corrupção dos caracteres, o amoralismo contemporaneo pelo desprezo de todos os grandes principios que servem de base á organização das sociedades e dos grandes ideaes humanos que constituem toda a belleza da vida.

As consequencias afflictivas a que chegou a sociedade pela negação da responsabilidade moral indicam, por si sós, que um ideal é necessario para a vida. O espiritualismo, com o principio do livre arbitrio, vem fazendo uma ascensão victoriosa e consoladora no campo da philosophia em que os systemas dissolventes estão em decadencia no conceito dos estudiosos.

A noção do dever é o principio que serve de fundamento e base a todo systema respeitavel. O sentimento do dever é instinctivo, natural, universal, é uma imposição categorica e imperiosa tão necessaria que aquelles mesmos que pretendem negal-a, contestando a obrigação moral, considerar-se-ão offendidos si al-

guem os accusar de falta de cumprimento do dever. «Nós sabemos com certeza superior a sciencia que existe o dever; e a obrigação é absoluta para a consciencia.» (Charles Secretan).

A concepção determinista, criação dos philosophos contrapostos á antiga philosophia, adquiriu tal prestigio no campo do pensamento que muita gente, ainda hoje, entende que acceitar o livre arbitrio é provar ignorancia scientifica. E muitas das pessoas que, intimamente, se sentem dominadas pelos argumentos do bom senso em favor da doutrina da liberdade, receiam externar-se em relação ás suas conclusões, escravizadas ao preconceito do fatalismo psychologico. Alem disso, a concepção do livre arbitrio é base e condição de todas as religiões, e, no raciocinio dos reaccionarios intransigentes, religião é uma palavra suspeita de ignorancia. Dizem com desprezo que a religião é uma sobrevivencia dos antigos erros, imprudentes que não progredem nos estudos philosophicos, e desconhecem a reacção formidavel da sciencia pela elevação do conceito relativo á religião, constituindo a «sciencia das religiões» que ensina ser a religião «a propria philosophia passando da ordem theorica para a ordem pratica, sahindo, como doutrina, da consciencia do sabio para dominar como lei ou como fé na consciencia das multidões.

\* \* \*

Para corroborar as razões que o bom senso apresenta em favor da theoria do livre arbitrio, concepção que não pode deixar de ser a da pedagogia, tranquillizando, assim, os educadores que, por falta de tempo, não esclarecem as duvidas philosophicas pela meditação e pelo estudo, apresento a opinião dos mais eminentes philosophos antigos e contemporaneos, esboçando, em brevisimo e modesto estudo, a historia da philosophia.

Desde a metaphysica peripatetica, para não remontar a confins mais longinquos na historia da philosophia, vem a doutrina do livre arbitrio apoiada pelos maiores pensadores.

Aristoteles, que se garantia contra as illusões e as phantasias do empirismo e do idealismo, tomando, ao contrario

de Platão, o facto como ponto de partida de suas theorias, procurando na realidade o apoio ás suas mais elevadas elocubrações; — o formulador do celebre principio — «Nil est in intellectu quod non fuerit prius in sensu»; Aristoteles que investigou scientificamente as leis do pensamento, formulando-as com tão extraordinaria exactidão que, segundo Kant, nada lhe accrescentaram ou corrigiram os philosophos posteriores; creador da logica; autor do primeiro tratado de psychologia scientifica; fundador das sciencias naturaes; Aristoteles, considerado o maior cerebro humano, admittiu o livre arbitrio. Durante a epoca em que imperou a philosophia chamada patristica (philosophos ecclesiasticos, com o advento do christianismo) aprofundaram-se os estudos philosophicos em torno da questão do livre arbitrio, manifestando-se a respeito pensadores majestosos como Santo Agostinho. Depois dos seculos que se seguiram na historia da humanidade, seculos de ignorancia e brutalidade com a invasão dos barbaros, creando condições politicas e sociaes contrarias ao desenvolvimento intellectual, letras e sciencias encontraram asylo apenas nos mosteiros. Succede-se a philosophia medieval, epoca em que se agitaram e resolveram os maiores problemas que ao espirito é dado investigar. Ha uma verdadeira renascença literaria e philosophica sob a protecção da igreja e entre as correntes do pensamento, que então dominaram, a escolastica culminou em grandeza, apresentando como expoente maximo da especulação philosophica Santo Thomaz de Aquino, reformando, esclarecendo e cõpletando as theorias de Aristoteles com genio tão luminoso quanto o do Stagirita, dando solução aceitavel ás grandes questões philosophicas das relações entre Deus e o mundo, entre o espirito e a materia, entre o conhecimento e a realidade, entre a sciencia e a fé. Pelo Doutor Angelico a hypothese do livre arbitrio é considerada sob todos os seus aspectos e as complicações suscitadas são resolvidas com clareza e profundidade, sem subterfugios nem sophismas.

Com a decadencia da escolastica, determinada por muitas causas sociaes e politicas, surgiram correntes philosophicas contrarias, provindo para a philo-

sophia um periodo de crise e confusão, e, caracterizando a desordem philosophica, a incapacidade mental do momento, surge o scepticismo. Segue-se a philosophia moderna tendo como caracteristicos o exagero demolidor e incondicional, consequencia de todas as reacções, o menosprezo da tradição scientifica, ensinando, em seu excesso o absurdo de que progredir é desfazer o trabalho das gerações passadas, donde a actual nevrõse de destruição. As correntes intellectuaes que predominaram neste periodo são synthetizadas nos reformadores Decartes e Bacon, o primeiro inaugurando o racionalismo, donde derivaram muitos outros systemas, e tendo como principaes discipulos Malebranche, Spinoza e Leibnitz; o segundo, professando doutrina que logo degenerou em sensismo e materialismo, teve como continuadores Locke, que dá origem ao phenomenismo e ao scepticismo, Berkeley (immaterialismo), e Hume, os quaes sujeitam tudo ao mais infrangivel determinismo, pretendendo, assim, liquidar as duvidas humanas, arrazar a hypothese, limitando a nossa capacidade cognitiva, restringindo o conhecimento aos phenomenos. Segue-se Kant, ao qual não satisfizeram nem o racionalismo de Leibnitz, nem o empirismo de Locke, e que pretendeu reconstruir a philosophia sobre novos alicerces.

Kant aceita a obrigação moral e diz que sua existencia é um facto inconcusso, incontrovertivel. A voz do dever impõe-se á consciencia de modo absoluto e autoritario como «imperativo categorico». O dever, diz Kant, emplica o poder. — Eis como, em nome do dever, elle affirma a liberdade. Em sua severa austeridade apresenta a lei moral como «necessaria, universal, immutavel, incondicionada, autonoma». Sua formula mais geral é: «Procede em todas as tuas acções de modo que a norma de teu proceder se possa erigir uma lei universal». Assim, para Kant, a alma é livre, porque sem liberdade não pode haver moralidade nem obrigação moral.

A nós, ás nossas conclusões philosophico-pedagogicas, interessa reconhecer que Kant, philosopho universal, confirmando em nome do principio da casualidade o encadeamento necessario de todos os phenomenos, proclamando

o determinismo como condição da sciencia, demonstra o livre arbitrio no campo da moral. São conclusões aparentemente inharmonizaveis; Kant porem resolve a antinomia. Não preoccupa ao nosso objectivo conhecer como Kant concilia o determinismo universal com a liberdade moral, distinguindo o homem-noumenico, incognoscivel á razão especulativa e dotado de livre arbitrio, do homem-phenomeno, cognoscivel, sujeito ás leis do tempo e do espaço. O que fundamenta a revelação que nos dá o bom senso da existencia da liberdade moral é saber que Kant cedeu no seu rigorismo scientifico não podendo negar responsabilidade moral ao homem.

A Kant seguem-se philosophos que reflectem sentimentos de uma geração gasta, desanimada pelo scepticismo, tendo como representantes Schopenhauer, architectando a mais lugubre das moraes, que, certo, ninguem terá sympathias em seguir e Nietzsche, cujas doutrinas immorales revelam um cerebro desequilibrado, que realmente, terminou pela loucura.

A philosophia contemporanea procura realizar a aspiração de Leibnitz, quando, apreciando a tradição e crendo numa «philosophia perennis», seu desejo era «conciliar Platão e Democrito, Aristoteles e Decartes, os escolasticos e os modernos e ir ainda mais longe». Com o advento da philosophia espiritualista, culminando na philosophia neo-escolastica contemporanea, têm revivido os ensinamentos sobre a liberdade moral. O facto do determinismo, no mundo physico, ser a lei suprema, não obriga tal conclusão para o mundo moral, «para o mysterio e a grandeza infinita da vida interior ante a qual a natureza inteira se torna pequena e mesquinha». Philosophos contemporaneos, patenteando o determinismo na natureza, negam a previsão quanto aos phenomenos do espirito. Todos acordam mais ou menos em que a liberdade é o factor decisivo que caracteriza o espirito. — «Nos phenomenos da materia impera determinismo inflexivel; nos phenomenos do espirito o principio que devemos reconhecer como lei primordial é a liberdade», — eis a opinião de Bergson, idolo dos philosophos modernos, cujo raciocinio é tão lucido, scintillante, fascinador que até as damas

francezas lêem, estudam e commentam o pensador que faz da consciencia a preocupação maxima da philosophia, o cientista que, analysando profundamente o mundo exterior e o mundo interior, tem fé na *verdade* e desafia os scepticos, mostrando que seus argumentos são sophismas, desde os syllogismos da escola de Eléa que negava o movimento, até o determinismo moderno que nega a liberdade.

Gaston Rogeot, em seu livro «Les savants et la philosophie», depois de expor, em synthese, os principios fundamentaes da philosophia bergsonniana, diz representar tal philosophia «o mais consideravel, o mais precioso, o mais engenhoso e o mais admiravel esforço de systematização, que foi feito até hoje com o merito e a novidade de ter seguido principalmente as sciencias superiores e de ter approximado a philosophia da psychologia pela consciencia». Bergson chegando á concepção confortadora da consciencia diz «que a consciencia é a liberdade mesma». Diz que o poder da consciencia tem suas leis em esphera superior ás leis do determinismo. «A acção resulta da consciencia nas mesmas condições em que o movimento procede da força. Mas ao passo que o movimento derivando da força tem por caracter essencial a necessidade, a acção pelo contrario, emanando da consciencia, tem por lei a liberdade». E affirma categoricamente o philosopho: «A liberdade é um facto, e entre os factos que se constataem nenhum é mais claro». Todos os argumentos formulados contra a liberdade, explicam-se, segundo Bergson, como efeitos de equivoco. Examinando argumentos com que reciprocamente se combatem deterministas e partidarios do livre arbitrio, observa que a questão da liberdade sae victoriosa.

Actualmente, periodo de renascença espiritual, philosophos, cientistas, psychologos, pensadores em todos os centros cultos proclamam o poder da vontade e a responsabilidade humana. As negações ociosas do livre arbitrio constituem apenas o thema antiquado de materialistas retardatarios. Os cerebros esclarecidos e bem intencionados, os ho-

mens de bom senso compreenderam que a crença na liberdade é infinitamente mais util ao individuo e á sociedade que o julgarmo-nos manequins mechanicos do destino.

Os educadores, obrigatoriamente, por dever de profissão, attendendo aos objectivos da pedagogia, têm que seguir as doutrinas de acção e de vontade, têm que pregar o primado da vontade, ensinar que a intelligencia é o instrumento da energia, que a sorte é uma palavra vã, uma ficção creada pela preguiça ou pela covardia humana. E' absolutamente inadmissivel mestres primarios scepticos ou fatalistas. Ensinemos ás crianças que os fatalistas são os desclassificados, os indecisos, os fracos, os miseraveis Moraes os incapazes, os maus, os chasqueadores do entusiasmo dos vigorosos, os invejosos de todo successo, os falhos na vida.

Eduquemos a energia das nossas crianças, insufflemo-lhes a fé nas acções humanas, incutamos em seu espirito que homem digno é aquelle que confia em seu poder, que vence os obstaculos pela energia, sempre convicto da immensa responsabilidade das suas acções, certo de que a vida espera delle alguma cousa de bom, de bello e generoso. Dirão talvez, ironicos, que formaremos assim crianças presumpçosas. Não teria o facto inconveniente. A presumpção é o primeiro gráo de confiança em si proprio. A presumpção, sob o ponto de vista do seu valor psychologico e dynamogenico, não deve ser abatida, ridicularizada como defeito. E' um erro abafar nos jovens a presumpção e a ambição. O que é preciso é orientar taes sentimentos, evitando que a presumpção degenerere em grotesca ostentação de qualidades, que a ambição ultrapasse os limites do razoavel. Conviria até, dizem psychologos americanos, modificar a educação das crianças, invertendo regras pedagogicas que costumam fazer da modestia, factor

de duvida e desconfiança, lisongeiro conceito.

O desenvolvimento da fé em nossas forças avigora a energia da alma. Convençamo-nos do poder da nossa vontade. A crença em nós é o primeiro incentivo da energia. Com relação ao nosso poder intimo proclamemos em unisono com a radiosa pedagogia americana cheia de vigor e de força: o «Will to believe» de W. James.

Com obstinado interesse preservemos as nossas crianças, o Brasil de amanhã, de toda a idéa de fatalismo, abrigo da indolencia moral, que proclama a inanidade do esforço. Nós, os professores primarios, devemos regeitar, intransigentemente, a philosophia da passividade. Nosso destino será aquelle que organizarmos. — Seremos o que quizermos ser—eis a maxima milagrosa donde se originam os grandes destinos,—eis um dos principios philosophicos que me levam a proclamar a necessidade do estudo da philosophia na Escola Normal; que devemos commentar na escola primaria, abrindo aos brasileiros um horizonte iluminado de esperança e de fé. Eduquemos as nossas adoradas crianças para que sejam obreiras do seu proprio destino, compreendendo e estimando o que a vida tem de grande, de bello e de nobre.

Dos pensadores, cientistas, educadores, dos philosophos patricios, cujo conceito cultuo e venero, espero forma e desenvolvimento ás suggestões incompletas que formulo, no afan de ser util á encantadora infancia do Brasil, esperando me relevem confusão e erro ante a boa intenção e humildade com que falo.

A seguir: A philosophia na Escola Normal.

Alba Cañizares Nascimento

Os preços marcados nas perfumarias expostas na  
«PERFUMARIA Á GARRAFA GRANDE»  
não admittem confronto

66, Rua Uruguayana, 66 — RIO

## EXPEDIENTE

As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas em qualquer epoca, pelo preço de 9\$000 por anno para o Districto Federal e 10\$000, para os Estados.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redacção d'Escola Primaria—Rua 7 de Setembro, 174—Rio de Janeiro.

As colleções dos annos anteriores são vendidas na mesma redacção ao preço de 10\$000 cada anno, em avulsos, e 12\$000 em volumes cartonados. Os pedidos de colleções pelo correio deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$00, para o registro postal.

### «A Escola Primaria»

A agencia de Recife faz sciente aos assignantes do Estado de Pernambuco que qualquer reclamação sobre irregularidades no recebimento desta revista deve ser dirigida para Rua da Aurora n. 225, 2º andar.

O Agente — Antonio Lopes Filho.



**GUARANIL**

(CONCENTRADO)

Tonico poderoso, estomachico, hematogenico, de inegavel superioridade sobre os existentes, devido á sua acção anti-toxica e estimulante intestinal. (Guaraná-iodo-kola-arrhenophospho-calcico-nucleo-vitaminoso.) Um vidro corresponde a 3 de qualquer marca, devido á concentração. (Lic. 498)

**GUARAINA**

(Comprimidos). Base guaranina do guaraná. Cura ou allivia em poucos minutos qualquer dôr, enxaquecas, etc., aborta a grippe, resfriados, etc., e é tonico do coração, ao contrario dos similares que são depressivos. — Em enveloppes ou tubos. (Lic. 515).

## CURE-SE E FORTALEÇA-SE

Os productos do Laboratório  
Nutrotherapico

DR. RAUL LEITE & C. (Rio),  
resolvem difficuldades  
clinicas, e trazem nos rotulos  
as respectivas formulas

**EMAGRINA**

Comprimidos para emmagrecer  
Acompanhados de regime alimentar  
muito util. Não prejudica o orga-  
nismo. (Lic. 2407).

**PURGOLEITE**

(Pastilhas). Admiravel e eficaz  
purgativo ou laxante para adulto.  
Tem sabor de confeito e não habi-  
tua o organismo. Em enveloppes  
ou tubos. (Lic. 409).

**NUTRAMINA**

(Aminas da nutrição). Farinha  
fresca, polyvitaminosa e do cresci-  
mento, mineralizadora dos tecidos,  
calcificante dos ossos e estimulante  
do appetite (em latas).



**LEITE INFANTIL — FABRICADO EM S. PAULO E RIO**  
**A VENDA EM TODO O BRASIL**

## II — A ESCOLA

### OS PROGRAMMAS MINEIROS

**Instrucções** — PARA SEREM OBSERVADAS NOS PROGRAMMAS DOS GRUPOS E DEMAIS ESCOLAS

(Continuação)

LINGUA PATRIA

O ensino de lingua patria é de importancia capital na escola primaria. Preparar o individuo para ser um factor efficiente na sociedade, eis a missão principal na escola. «Hoje, diz um proficiente sociologo,—sob a influencia de nossa apressada civilização, o homem só difficilmente poderá tornar-se um membro util á sociedade, si não dispuzer de aptidão e destreza para exprimir seus pensamentos. Ninguem pára afim de ouvil-o, si elle não expressar seus desejos com clareza e precisão, e ninguem faz o que elle deseja, sem ser convencido e impellido á acção».

E' preciso, pois, habilitar o alumno a pensar e exprimir-se com clareza e correccão.

Mas, a escola primaria não póde ensinar toda a technica da lingua. O tempo é exiguo, e o alumno não tem ainda desenvolvimento intellectual para assimilar regras de grammatica.

A missão da escola consiste em crear no alumno o desejo de cultivar, por si mesmo, o estudo da lingua patria, indicando-lhe os meios de attingir esse fim. Com tal orientação, o alumno, ao terminar o curso, terá formado o habito de cultivar a lingua patria, e, si não proseguir seus estudos, disporá de um meio seguro de auto-educação.

«A lingua patria é o mais forte laço da Federação Brasileira, e o seu ensino representa um serviço inestimavel de solidariedade nacional».

PRIMEIRO ANNO

I. No primeiro anno, os exercicios visam, sobretudo, o desenvolvimento da

linguagem oral. Seu objectivo é ensinar o alumno a falar com relativa correccão.

II. O alumno é estimulado a falar sobre cousas que lhe interessem, dando-se-lhe exercicios escolares, que mais lhe agradem, taes como a familia e as occupações domesticas, os animaes de sua predileccão; os jogos e brinquedos, a descripção de gravuras expressivas, que lhe excitem a imaginação.

III. A partir do segundo anno, serão iniciados os exercicios escriptos, precedidos sempre de exercicios oraes.

IV. Os exercicios oraes serão feitos por meio de conversa com os alumnos, e por meio de reproducção, memorização e dramatização de historietas e poesias, fabulas e trechos de prosa apropriados.

V. Quando o alumno tiver algum desenvolvimento, o professor poderá guial-o em exercicios individuaes, mandando que reproduza uma historieta ou componha um original, á vista de uma gravura bem suggestiva.

VI. Os melhores exercicios serão escolhidos, para reproducção por um ou dois alumnos, oralmente ou no quadro negro, afim de servirem de base para o ensino de grammatica, que será dado praticamente, do mais simples para o mais complexo.

VII. E' de grande vantagem desenvolver o senso critico do alumno, exercitando-o no julgamento imparcial do seu trabalho e do trabalho dos collegas.

VIII. Habitue-se o alumno a falar em publico, com voz clara, enunciação nitida e attitude distincta.

IX Regras muito simples de grammatica serão deduzidas dos exercicios, de modo que, no fim do anno, o alumno saiba observal-as.

SEGUNDO ANNO

I. O trabalho do segundo anno é uma applicação do trabalho feito no primeiro, sendo adoptados os mesmos methodos e processos.

II. Os exercicios individuaes são mais frequentes no segundo anno que no primeiro, porém devem precedel-os os exercicios feitos com a cooperação da classe.

III. Nos exercicios de reproducção de historias e poesias, procure-se desenvolver a imaginação do alumno, ajudando-o a modificar a fórmula do original, introduzindo dialogos, ou desenvolvendo alguma scena.

IV. Sempre que fôr possivel, relacione-se o ensino de lingua patria com o de outras materias.

V. Para variar os exercicios escriptos, o alumno escreverá pequenas notas, convites para alguma festa escolar, fazendo oralmente o exercicio, depois por escripto, no quadro, até que se escolha o melhor, para ser copiado, na aula de escripta, por toda a classe.

Far-se-ão tambem exercicios relacionados com as aulas de trabalhos manuaes, descrevendo o alumno, em sentenças simples, o trabalho por elle feito e o uso deste. Todos esses exercicios serão preparados oralmente, com a colaboração da classe, antes de serem escriptos.

TERCEIRO ANNO

I. Em linhas geraes, o ensino neste anno seguirá a orientação indicada para os annos precedentes.

II. Os *tests* de lingua patria começarão a ser organizados desde este anno, como o meio mais seguro de julgar os conhecimentos dos alumnos.

III. Os exercicios escriptos serão mais frequentes e, sempre que for possivel, relacionados com os exercicios das outras materias do programma.

IV. Embora se façam ainda os exercicios em conjuncto, realizar-se-ão, frequentemente, os individuaes.

V. Os exercicios escriptos deverão ser lidos em classe, para que se façam as correccões.

VI. Os methodos e processos serão os mesmos já indicados, variando-se, porém, os meios, de accordo com o desenvolvimento da classe.

VII. Estimule-se o alumno a falar deante de outros, com espontaneidade e naturalidade. O alumno poderá narrar experiencias proprias ou adquiridas em

leitura; descrever sitios visitados ou conhecidos; dar direcções para executar um trabalho ou um exercicio physico; resumir leitura, lições de historia, geographia; reproduzir historias lidas ou imaginadas.

VIII. Quasi todos os exercicios que se fizerem oralmente, poderão ser aproveitados para exercicios escriptos no quadro ou em cadernos.

IX. Iniciam-se no terceiro anno os exercicios de redacção de cartas e de documentos officiaes.

X. Algumas lições não preparam o alumno para escrever bem uma carta. E' necessaria a pratica repetida e seguida, no terceiro anno e no quarto, afim de que elle comprehenda como se redigem as cartas e os documentos mais comuns.

XI. Não se deve descuidar de instruir o alumno na parte material deste trabalho. Deve-se considerar numa carta, por exemplo: papel, tinta, legibilidade, apparencia geral, paginas, modo de dobrar, correccão, cabeçalho, introduccão, corpo da carta, conclusão, envelope, sobrescripto.

XII. Para motivar este exercicio, o professor aproveitará as oportunidades que se offereçam, taes como: mudança de um alumno, ausencia de outro, por molestia, anniversario e qualquer outra occorrenca social.

Como exercicio, pode fazer-se tambem a troca de correspondencia entre alumnos de classes e mesmo escolas diferentes.

XIII. As regras de grammatica devem ser ensinadas com caracter pratico, por meio de exemplos, aproveitando-se, para este exercicio, os trabalhos escriptos dos alumnos.

QUARTO ANNO

I. Em linhas geraes, seguir-se-á a mesma orientação dada para o ensino do anno precedente.

II. Organização de *tests* apropriados á lingua patria.

III. Havendo nesta classe mais oportunidade e necessidade de communicações, a redacção de cartas, notas, telegrammas, bilhetes postaes, documentos officiaes etc., constituirá o assumpto predominante dos exercicios escriptos.

IV. Muitas lições de historia patria poderão ser dramatizadas pelos alumnos, incumbindo-se elles proprios da redacção do trabalho, com o auxilio do professor.

O seu objectivo é desenvolver a linguagem oral, exercitar a memoria e cultivar o gosto pelo estudo da literatura e da historia. Não se visa, absolutamente, formar actores nem actrizes.

V. Estimule-se o alumno a ler bons livros, a ouvir bons oradores, a conversar com pessoas cultas, a ler bons jornaes e revistas e a consultar o dictionario.

VI. As regras da grammatica aprender-se-ão, como nos annos precedentes, sem caracter de estudo formal desta disciplina. Serão deduzidas de exemplos simples e claros, sem se decorar senão o que for absolutamente impossivel ser ensinado por outro processo.

VII. Ensine-se o alumno a apreciar devidamente o estudo da lingua patria, mostre-se o caminho da literatura, ensinando-lhe a usar o que de melhor houver nas letras, e que for adaptavel á sua intelligencia, como passatempo dos mais sãos.

## TRES PALAVRINHAS

**Cercania**— Eu estava na doce illusão de que ninguem, mas ninguem!, ignoraria a prosodia desta palavra. Ali está, tão evidente, o suffixo *ia*, que é longo por natureza. Pois enganava-me: ouvindo uma conferencia transmittida pela Radio Sociedade e apanhada por mim com o misero «galena» de que disponho, percebi claramente que o conferente daquella noite dizia *cercânia*, fazendo proparoxytono o vocabulo. Terá razões em que se estribe, o festejado homem de sciencia que então preleccionava? Ou estará naquelle primeiro grão de ignorancia (a respeito deste ponto, bem entendido) em que nem se chega a suspeitar o erro? Ou sou eu que assim estou? Palpita-me, porém, que o eminente doutor não tem razões para expender, e que o caso é resolvido, manso, pacifico: *cercania*, *cercánias*, com accento tonico sobre a penultima.

**Górgona**— As Górgonas eram tres

irmãs, tres monstros da Fabula: Medusa, Euryale e Stheno. Tinham o extranho poder de transmutar em pedra todos aquelles sobre quem fitavam os olhos. Em literatura, personificam as Górgonas um poder temivel, uma sinistra magia, um poder cruel. Toda esta sabedoria mythologica, está por ali, no Dictionario da Fabula ou no Larousse. Mas o que interessa é a palavra, não as illustres personalidades. E' que o vocabulo se deve pronunciar proparoxytono, e muita gente o faz oxytono.

**Lista e listra**— Não têm razão os que pretendem distinguir *lista* de *listra*, ensinando que *lista* é rol, e *listra* é faixa, tira. A palavra é originalmente a mesma, sendo *lista* e *listra* fórmias divergentes. A verdade é que, pelo uso moderno, no sentido de «faixa» ou «tira», tanto podemos dizer *lista* como *listra*; no sentido, porém, de «rol, relação», apenas dizem as pessoas cultas *lista*. Nesta accepção, a pronuncia *listra* é propria da gente sem instrucção. — *Dê-me a listra!* pôde-se ouvir em uma casa de pasto barata, em um «frége»; nunca, porém, na Rôtisserie ou na Brahma, onde se presume que a gente, além de boas roupas e boas maneiras, use tambem de boa linguagem.

(Continúa)

MESTRE-ESCOLA

## Correspondencia de Tres Palavrinhas

**H. R.**— O que ficou dito em o numero passado a respeito da *formicida* applica-se perfeitamente aos outros compostos em *cida*, raiz latina que suggere a idéa de morte, destruição. Assim, *um bom insecticida*, *um bom germicida*, *um bom callicida*. Creio, porém, que só com *formicida* aconteceu mudarem-lhe o genero. Por que? Facil se affigura a explicação: foi o que desceu até a linguagem das pessoas menos cultas. Aqui na cidade poucos fazem idéa de quanto se empregam na roça, no vasto interior agrario do Brasil, cujas entranhas são devoradas pela saúva, os varios preparados com que a industria chimica promete exterminar a praga. Dahi ser a palavra popularissima, andando na bocca de todos os «camaradas»

**I. J. S.**— Parallela ao *será* que modismo paulista e sul-mineiro de que falei ha tempos, communica-me prezado amigo do Pará, homem estudioso e eminente, o dr. José Barbosa Rodrigues, que existe lá em sua terra o «*será*» intercalado, para exprimir «acaso, porventura». Assim, a um companheiro que o censurou, torna a menino reprehendido, todo abespinhado:— E que é que tens com isto? Tu és, *será*, meu pae?

**R. R.**— Obrigado. Pois com o *insolito* já succedeu o diabo a um velho amigo meu, o dr. José Rodrigues de Azevedo Pinheiro, que foi director do Instituto Profissional Masculino, hoje João Alfredo. Foi na administração do prefeito Valladares. Como aquelle funcionario fizesse sentir, respeitosa, em escripto official, que certo procedimento era insólito, quer dizer, que se não coadunava com as praxes burocraticas, com as tradições administrativas, em summa, que jamais se fizera como o prefeito ora ordenava, encheu-se este de melindres offendidos, julgando-se desacatado por aquelle termo *insólito*. E dahi veio que o dr. Pinheirinho foi suspenso.

**W. A.**— Quanto á primeira consulta creio não padecer duvida que é *Albânia* e não *Albania* que se deve dizer. Se fizéssemos proparoxytona a palavra, por que não haveriamos tambem de pronunciar *Lusitania*, *Britannia*, *Tripolitania*, *Mauritania*, *Campania*, etc., tudo com accento tonico recahindo no *i* da penultima syllaba? O suffixo ali é o latino, não o grego.

Relativamente á phrase — *Que fim levou Fulano?* — é realmente curioso indagar como se deva dizer no caso de serem duas ou mais as pessoas (ou mesmo as coisas) cujo paradeiro se deseja saber: *Que fim levaram Pedro e Henrique?* ou *Que fim levou Pedro e Henrique?*

Na linguagem do povo não ha duvida que o corrente é *Que fim levaram*. Estará certo?

Trata-se, afinal, de saber quem é o sujeito. Será a palavra *fim*, ou serão *Pedro e Henrique*? Para apurar a questão,

occorre-nos o exemplo *Levou o diabo aquella gente* (ou *aquella gente, levou o diabo*). Aqui, o sujeito é *o diabo*. Será o mesmo caso? Afrigura-se-me que não. Creio antes que em nosso caso o verbo *levar* está no sentido de *ter*. Devemos, pois, dizer — *Não sei que fim levaram elles*, do mesmo modo que disse Pereira da Cunha no exemplo que cita o dictionario de Aulete: — *Não sabia toda a gente o destino que levaram os que não se apressassem em saudar a usurpação triumphante*. Voto, portanto, com a corrente popular, e direi sempre: — *Que fim levaram os principios que professava o illustre politico?*

Quanto á terceira consulta, meu caro amigo, *difficilem rem pastulasti*. Um bom dictionario escolar, isto é, não muito volumoso nem muito caro, da lingua portugueza? E' pergunta que todos fazem e que fica sem resposta. Infelizmente, em materia de dictionarios, tanto grandes como modestos, estamos muito mal. Não quero, porém, deixar de dizer o que penso, com o enorme desejo de servil-o.

Sahiu dos prélos ha pouco tempo o *Pequeno Dictionario* de Candido de Figueiredo. Deste devo dizer que não é melhor do que o grande. Para o distincto correspondente basta, de certo, esta meia palavra.

Ha o Simões da Fonseca, ha annos revisto por João Ribeiro para a casa Garnier. Pode prestar serviços, embora não se classifique como bom.

Ha o Séguier, menos mau que o Simões da Fonseca. Mas a verdade é que: 1º contém respeitavel quantidade de erros e deficiencias; 2º está exgotado, e não ha csperanças de 2ª edição, por motivos que são bastante sabidos aqui no Rio de Janeiro.

O Dictionario do Povo, aquelle pequenino, encadernado em percalina preta, está abaixo da critica.

E ahi tem o caro amigo e correspondente a situação. Creia que todos os professores se queixam, mas o becco é, por emquanto, sem sahida.

M. E.

## Um programma de português

(VEJA O NUMERO DE ABRIL, PAG. 47-48)

## II

## Querida amiga

Recebi sua longa e, como sempre, encantadora carta de 2 do fluente. Difficil arte, em verdade, e das mais invejáveis, esta: saber dizer, em forma simples, clara e comtudo estilizada, aquillo que pensamos, sem exaggerar, sem diminuir, na justa medida. Cada uma dessas cartas já é uma lição: ensinam todas, pela melhor das eloquencias, que é a do exemplo, como se deve escrever sem phrases—chapas, sem affectação, sem descambar na trivialidade. Lê-las, repito, é para mim fino prazer; mas agora reparo que lhes curpre dar uma resposta.

Gosto das criticas, bem sabe a querida amiga. Quando provindas da cortezia de mãos dadas á competencia, são o que ha de mais proveitoso e só os nescios podem acaso rejeita-las.

Permitta-me, porém, oppor embargos a algumas de suas razões.

Acha excessiva a preocupação da leitura num curso secundario ou normal? Mas não percebeu a querida amiga a finalidade do proprio curso, apontada logo na explicação preliminar: "aprender a redigir correctamente e a entender perfeitamente aquillo que se lê; ou, por outras palavras, *saber ler e escrever a nossa lingua*"

Isto, bem sabe, não é novidade. BRUNOT, com a sua autoridade, o confirma: Aprender a lingua é tornar-se capaz de ler e entender o que se lê sem nada perder do pensamento do autor e por outro lado ser capaz de exprimir, quer falando, quer escrevendo, o proprio pensamento, de modo que seja perfeitamente comprehendido. Logo: *leitura e redacção*. De accordo ainda com BRUNOT, são os dois estudos que se devem collocar acima de todos. "Grammatica, vocabulario, analyse — são indispensaveis, mas só *quaes meios*. Dos obscuros recantos onde eram deixadas com desprezo, leitura e redacção devem subir ao primeiro plano.

Os ultimos serão os primeiros.»  
Ja em 1873, em obra coroada pela Academia Francesa, dizia GIRARD: "Nossas grammaticas são o flagello da educação, embora julguem servi-la" E accrescentava: "só se occupam de erros de orthographia e solecismos.»

São varias as consequencias apreciaveis de uma leitura methodica e perseverante, feita em voz alta, com a devida expressão, quer em verso, quer em prosa. Direi até—principalmente em prosa, nos diversos generos. E' a melhor maneira de corrigir os vicios prosodicos, alguns inveterados e devidos ao ambiente familiar.

E' meio excellent (e só inferior á copia tambem methodica e perseverante) para fixar a graphia exacta dos vocabulos ainda não conhecidos. O absurdo do dictado de surpresa não pode mais subsistir entre gente que sabe psychologia pedagogica.

A leitura é, alem disso, o melhor vehiculo de boas ideas para a formação intellectual e moral.

Quem poderá contestar a impressão causada por um bello trecho lido em voz alta com a expressão adequada? Mas é inutil insistir, porque a minha querida Amiga leu já o Payot.

Quanto á grammatica, á analyse, aos exercicios preciosos de synonymia, tudo isto só se pode com proveito fazer deante de um trecho escolhido com criterio para leitura e interpretação. Categorias grammaticas, funcções syntacticas, etymologia, figuras e tropos se deparam na sua realidade concreta e viva. A propria critica literaria, as noções de estilistica, os resumos, os desenvolvimentos, as imitações, o confronto de escolas, nada se comprehende *inabstracto*, sem os trechos correspondentes, *lidos, comprehendidos e sentidos*.

E por isto mesmo é que se deve começar pelos autores contemporaneos e ir pouco a pouco remontando ás nascentes da lingua. Que coisa ridicula é não ter o senso da epoca e pôr-se alguem a querer, no século XX, escrever e falar á moda quinhentista, num verdadeiro Carnaval literario!

Mas esta ja vai longa, minha que-

rida, e por hoje não proseguirei. Os outros pontos ficam para a carta seguinte.  
Da amiga  
X.

A copia é fiel e como tal a subscrevo.

JONATHAS SERRANO

N.B. No artigo precedente com certeza o leitor ja terá corrigido os erros de revisão e, entre outros, ALBALAD por *Albalat*.

J.S.

## Mayrink Veiga & Cia.

Engenheiros, Importadores e Exportadores

RUA MUNICIPAL, 15-21 TRAVESSA SANTA RITA, 26 RIO DE JANEIRO

Endereço Telegrafico: MAYRINK

CODIGOS USADOS:

Telephones: Norte 3849—Armazem  
« 3840—Escritorio

A B C 5.<sup>a</sup> Edição BSNTLEY-MARCONINI  
RIBEIRO-LIEBER'S, General Telegraph.

Depositos:  
Barão de S. Felix, 129  
ILHA DO SARAVATHA'

### Representantes no Brazil de:

Grupos Kohler geradores de força e luz  
KOHLER C.—NEW YORK.

Apparehos de precisão, agulhas holophotes  
para campos de aviação  
THE SPEBRY GYROSCOPE C.—BROKLYN

Estaleiros para construção e reparação  
de navios de qualquer tonelagem  
GEORGE BROWN C.—GREENOCK-ENGLAND  
Material para photographias sereas,  
mappas, serviço geodesico  
FAIRCHILD AERIAL CAMERA CORPORATION—  
NEW-YORK

Carros, wagons para estradas de ferro  
CLAYTON MAHONTD.—LINCOLN LINGLAND

Macacos para Estradas de ferro  
THE JOYCE CRIDLAND C.—NEW-YORK

Motores electricos, transformadores, etc.  
SAGHSENWERK—NIETESDILITZ—  
ALLEMANHA

Aeroplanos  
SICORSKY AERO ENGINEERING COR.  
NEW-YORK

DEPOSITARIOS DO «COTOP», preparado para conservar «peneus».

Completo sortimento de materiaes para construções navaes, machinismos para industria, bombas, metaes, ferro, aço, artigos de marinha, telegraphos, estrada de ferro, apparehos escaphandro, espoletas electricas e communs, estopins, dynamite, Gelignite, detonadores, tubos de aço para caldeira material de Radio e electrico de alta e baixa tensão, transjormadores, motores e geradores electrico de qualquer capacidade, cabos, fios, etc.—Motores a gazolina "Nanomag Lloyd".

ENCARREGAM-SE de installações electricas, hydraulicas e mecanicas.  
OFFICINA de reparações de motores, geradores e qualquer outro aparelho electrica.

### III - LIÇÕES E EXERCÍCIOS

#### EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

##### Podar Judiciario

*Que é que se chama poder judiciario?*

—Ha na linguagem corrente duas coisas a que damos o nome de poder judiciario. A primeira é aquelle, dos tres poderes essenciaes em que se divide a soberania, em virtude do qual deve estar a autoridade superior munida da faculdade de interpretar a lei, applical-a aos casos particulares, proclamar com quem se echa a razão nos dissídios, quer entre os particulares, quer entre os cidadãos e o governo, quer entre os governos das diversas unidades do paiz, e finalmente

*São, então, juizes todos os que trabalham nas funcções do poder judiciario?*

—Não. E' preciso entender: são juizes, em geral, os que *decidem*, ou podem decidir. Ha funcionarios que trabalham junto ao poder judiciario, que fazem parte da organização judiciaria, sem que sejam juizes. São antes de tudo os membros do *Ministerio Publico*, de que depois nos occuparemos. A seguir, temos ainda os diversos serventuarios ou empregados que auxiliam e fazem andar o serviço judiciario: *escrivães*, *escreventes*, *officiaes de diligencias*, etc. Esses, claro é, não são *membros* do poder judi-

*A justiça é o laço sagrado da sociedade humana. — GUIZOT.*

*A noção de justiça parece tão natural, tão universalmente adquirida por todos os homens, que é independente de qualquer lei, de qualquer pacto, de qualquer religião. Mostrem-me lá um paiz onde seja correto roubar o fructo de meu trabalho, violar alguém suas promessas, mentir para prejudicar, calumniar, encarcerar, ser ingrato! — VOLTAIRE.*

infligir aos que violam as leis penalidades justas, efficazes e proporcionadas aos delictos.

A outra accepção em que empregamos a expressão Poder Judiciario (escrevendo aqui, frequentemente, as duas palavras com maiuscula) é a do conjunto das autoridades a quem incumbe o exercicio do poder judiciario: os que têm a seu cargo interpretar as leis, applical-as aos casos particulares, etc.

*Como se chamam os membros do Poder Judiciario?*

—Aos membros do Poder Judiciario damos, em geral, o nome de *Juizes*, embora a cada categoria de juizes caibam nomes especiaes. Assim, a certos delles chamamos *Ministros* (os ministros do Supremo Tribunal); a outros, *Desembargadores* (os das Côrtes de Appellação, das Relações, ou Tribunaes da Relação); a outros, *Juizes Federaes*; a outros *Juizes de Direito*; a outros, *Pretores* (juizes de alçada menos consideravel que a dos juizes de direito); a outros ainda *Juizes Municipaes*.

ciario; são funcionarios da nação, a serviço do poder judiciario.

*Que se chama Juizo?*

—Juizo é a instituição judiciaria, a cuja frente se acha um juiz. Assim, dizemos: Juizo da 1ª Vara, Juizo da Provedoria, etc.

*Não é demasiado dizer «Juizo é a instituição judiciaria...»?*

—Para que a definição ficasse rigorosa precisei dizer assim. Apparentemente ha redundancia, mas repara que não é verdade. Pensa na instituição, que existe no Rio de Janeiro e que bem conhecemos, denominada Associação dos Funcionarios Publicos Civis. Sabes quem está á frente della? Um ministro do Supremo Tribunal, um juiz. Imagina se eu dissesse que «Juizo é a instituição judiciaria...»; terias aquella util associação elevada á categoria de um Juizo, pois não?

*E' só nesse sentido que se emprega a palavra Juizo?*

—Certo que não. Cada palavra tem, habitualmente, tantos sentidos! Assim, podemos tambem chamar Juizo á casa, ao edificio do juizo, isto é, em que o juiz exercê a missão de julgar, ou decidir. Isto sem falar das outras accepções: opinião, bom senso, etc.

*Que é que se chama Tribunal?*

—Chamamos Tribunal a uma junta de juizes, que decidem collectivamente, isto é, em commum, após discutirem o assumpto uns com os outros.

*Que é Justiça?*

—Tambem a palavra *justiça* podemos empregar em diversas accepções. Assim, justiça é a tendencia do espirito humano a dar a cada um o que é seu, e neste caso dizemos, por exemplo: «E' de justiça que este criminoso permaneça preso.» Justiça é tambem o acto justo, o acto praticado de accordo com aquella vontade firme do espirito, de dar a cada um o que é seu, e neste sentido dizemos: «Fizeram-lhe justiça» Justiça é finalmente o mesmo que poder judiciario, e neste sentido muito empregada a palavra.

*Que é Magistrado? Que é Magistratura?*

—Chamamos magistrado, em portuguez, a qualquer funcionario publico, que exerce autoridade delegada pela nação ou pelo poder central, mas a palavra se usa quasi exclusivamente como epitheto dos juizes e do presidente da republica Aquelles são «os magistrados»; este, o «supremo magistrado» do paiz. Ao conjunto dos membros do poder judiciario chamamos a magistratura.

*Quantas especies ha de justiça?*

—Dada a organização politica de nossa patria, facilmente se concebe que deve haver em cada unidade da Federação duas justiças: a federal e a local.

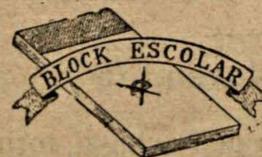
*Como se faz a distincção da competencia de uma e de outra?*

—A discriminação dos casos da competencia da justiça federal está feita na Constituição (arts. 59 e 60) e todos os casos que ahi não estão reservados á competencia judiciaria federal cabem á justiça local.

*Pode dizer-me alguns dos casos da competencia federal?*

—O processo e julgamento do presidente da Republica nos crimes comuns (pois que nos de responsabilidade o processo do mais alto magistrado da nação compete ao Senado) e dos ministros em todos os crimes (salvo apenas nos que forem connexos com os do presidente da Republica, pois neste caso quem julga o presidente julga os ministros); o processo e julgamento dos ministros diplomaticos; as questões suscitadas entre a União e os Estados; as que o forem entre um Estado e outro Estado; as questões entre uma nação estrangeira e a União ou os Estados (questões judiciais, que são raras, pois em geral as desintelligencias internacionaes se resolvem por via diplomatica), as questões entre os juizes e tribunaes federaes entre si, ou entre estes e os dos Estados, bem como as que se suscitarem entre juizes e tribunaes de um Estado (justiça local) e os de outro Estado; todas as cousas em que a acção ou a defesa se fundar em disposição da Constituição Federal; todas as causas movidas contra o governo da União, desde que estejam em jogo leis federaes ou contractos do governo federal; as acções movidas pelo governo da União contra particulares; os pleitos entre cidadãos de Estados diversos, quando são diferentes as leis destes; o processo e julgamento de todos os crimes de natureza politica, etc. etc.

OTHELLO REIS



**BLOCK "ESCOLAR" para rascunho**

*Deve ser usado em todas as Escolas — Barato e hygienico — Substitue a LOUSA com vantagem — No consumo das Escolas Publicas, dá 5% para a LIGA DA BONDADE — Pedidos: Telep. Central 1706*

## HISTORIA E GEOGRAPHIA

## HISTORIA

2º ANNO

## 3 de Maio

Vocês já sabem que o Brasil nem sempre foi como hoje, povoado por gente como nós, todo semeado de cidades. Sabem também que os povos civilizados não o conheciam e que os portugueses o descobriram. Vou contar-lhes como isto se passou.

Ha quatro seculos... (perguntar que é seculo e se as crianças não souberem, explicar) tinham os portugueses grande interesse de ir a umas terras chamadas Indias de onde traziam muitas riquezas. Para la mandar, o rei de Portugal em 1500, armou uma grande esquadra cujo commando deu a Pedro Alvares Cabral.

Durante a viagem os navios se desgarraram um pouco do caminho que deviam seguir e a 22 de Abril foi vista uma terra até então desconhecida.

Os portugueses eram muito religiosos, catholicos, por isso, chamaram-na Santa-Cruz.

Ora, no dia 3 de Maio, a Igreja Catholica festeja a Santa Cruz, a cruz em que morreu Christo; de modo que os portugueses que viveram no Brasil nos primeiros annos depois do seu descobrimento, por confusão, commemoravam o anniversario desse facto no dia da festa da Santa Cruz (3 de Maio) Hoje, sabemos perfeitamente o dia certo em que foi descoberto o Brasil (22 de Abril), mas em respeito á tradição, aos costumes antigos, continuamos a festejar esta data no dia 3 de Maio.

## 7 de Setembro

Depois de descoberta, ficou a Terra de Santa Cruz que mais por diante se chamou Brasil, pertencendo aos portu-

guezes; era uma colonia de Portugal, diz-se, e este era para aqui a metropole, isto é, de onde vinham as ordens, as determinações, a gente que esta terra governava.

A colonização foi se fazendo, cidades se foram creando, os campos se cultivando até que 300 annos mais tarde já era uma terra bastante povoada e seus habitantes bem adiantados.

Ora, as pessoas que aqui nasciam então, já sentiam mais amor por esta patria do que por Portugal, já se julgavam capazes de viver separadas da metropole, pois que, independente o Brasil, toda sua riqueza seria empregada no proprio progresso em vez de ir para fóra.

Aconteceu que, no principio do seculo passado, veiu para cá o rei portuguez com toda sua corte e passou deste modo o Brasil a ser a séde do governo, com o que muito lucrou.

De volta para Portugal deixou o rei como governador do Brasil um seu filho, o principe D. Pedro.

Os portuguezes tinham ciumes das vantagens adquiridas pelos brasileiros com a estadia aqui do rei, e reclamavam para que taes regalias fossem retiradas.

A opressão de Portugal sobre o Brasil foi de tal ordem então, que o principe, aconselhado por José Bonifacio de Andrada e Silva, pensou em tornalo independente. E estava elle ás margens do Ypiranga, em S. Paulo, quando, tendo recebido do rei ordens humilhantes para si e para os brasileiros, resolveu, num rasgo de entusiasmo, gritar: "Independencia ou morte" no dia 7 de Setembro de 1822. Todas as provincias do Brasil foram logo sabedoras do acto de D. Pedro e com elle concordaram e assim ficou nossa Patria constituindo um paiz.

Eis por que, meus filhos, é para nós dia de festa o dia 7 de Setembro e dois nomes devem nesse dia ser alvo de patrioticas homenagens:

D. Pedro e José Bonifacio.

## 15 de Novembro

Livre do jugo de Portugal, tornado independente, o Brasil teve por chefe D.

Pedro I. Este principe tanto bem nos quiz que, tendo direito a ser rei de Portugal, desistiu dessa regalia para aqui ficar. Mas, nos primeiros tempos do Brasil independente, como era natural, havia certa desconfiança entre brasileiros e portuguezes e, como o primeiro imperador fosse portuguez, muitos dos seus actos foram julgados em favor destes e contra aquelles.

Formaram-se partidos e a lucta foi de tal ordem que elle vendo ser impossivel governar em paz, preferiu deixar o governo, abdicar; e devia então ser imperador, seu filho. Este tinha apenas cinco annos de idade.

Foram escolhidos homens de valor para exercer o governo até elle chegar á idade de poder dirigir o paiz.

Proclamado imperador, D. Pedro II governou durante cincoenta annos e muito bem. Muito amou a sua Patria. No emtanto, apesar do bom imperador que tinham, os brasileiros não se sentiam bem com o regimen; só uma familia era destinada ao governo e se um principe por acaso era bom também podia ser dotado das peiores qualidades e teria de ser supportado enquanto visse.

Anciavam por uma fórma de governo que lhes permittisse escolher livremente seu chefe, que poderia então ser o mais capaz, e este governo é a — republica.

Assim, os mais cultos escreviam, faziam discursos, mostrando as vantagens do governo republicano. Os professores, cheios dessas idéas, naturalmente communicavam-nas aos seus alumnos e a mocidade vibrava de entusiasmo desejando para sua patria a republica como já tinham outros paizes.

Até que, no dia 15 de Novembro de 1889, foi ella proclamada pelas tropas chefiadas pelo General Manoel Deodoro da Fonseca, defronte do Quartel General, no campo de Sant'Anna, depois chamado Praça da Republica.

Muitos trabalharam para que ella se fizesse; dois nomes no emtanto sobre saem.

Benjamin Constant Botelho de Magalhães e Manoel Deodoro da Fonseca. O imperador não tentou resistir; retirou-se com sua familia para a Europa.

Fez-se assim a mudança de governo

no Brasil, entre flôres, sem derramamento de sangue.

C.P.

## Geographia

## Circulos do Globo

Aqui tendes uma laranja, com que, mais uma vez, comparamos a Terra, o nosso planeta, o globo. Tomae-a pelo "cabo", ou pedunculo, isto é, por este segmento com que ella se prende á haste. Dae-lhe um movimento de rotação, fazendo girar o pedunculo entre vossos dedos pollegar e indicador.

Tereis assim a imagam da Terra, a girar em torno do proprio eixo, cuja direcção percebeis perfeitamente, embora não haja um prolongamento "material" do referido pedunculo • pela laranja a dentro.

Cortemos esta laranja a meio, dando o corte perpendicularmente á direcção do eixo. Eis a imagem do *equador* da Terra.

Cortemos agora, dando sempre os cortes na mesma direcção, isto é, parallellos ao corte do equador, varias "rodellas", ou varios discos de laranja. Esses cortes que assim damos são a imagem de planos "parallellos ao equador", portanto perpendiculares todos ao eixo terrestre, que podemos fazer passar pelo nosso globo.

A taes planos parallellos ao equador, chamamos, como é justo, *parallellos*.

Os parallellos são, como logo se vê, *planos*, do mesmo modo que o equador é um plano. Mas os parallellos cortam a superficie da Terra segundo linhas, que são circumferencias, exactamente como o equador. A estas linhas, segundo as quaes os parallellos cortam a superficie da Terra, chamamos também *parallellos*.

Conservae, pois, que duas coisas têm o nome de paralelo: um plano e uma linha.

Considerados como linhas, os parallellos são circumferencias (na pratica se diz indifferentemente circulo ou circumferencia), traçadas na superficie do globo, parallelamente ao equador. Os parallellos vão diminuindo de tamanho á medida que se approximam dos polos.

Quantos paralelos podemos ter no globo? Tantos quantos queiramos traçar ou imaginar.

Os paralelos designam-se por meio de grãos, minutos e segundos, e ao mesmo tempo pela indicação *Sul ou Norte*, conforme o hemispherio em que se acham. Do equador a cada um dos polos ha 90 grãos, pois que é recto o angulo cujo vertice se acha no centro da Terra e cujos lados passam respectivamente pelo equador e pelo polo.

O equador é, assim, o paralelo zero, donde se conta o afastamento dos demais paralelos. O paralelo 90° já não é uma circumferencia: reduz-se a um unico ponto, que é o polo.

Conforme o angulo formado, com o equador, pela linha que vae do centro da Terra ao paralelo, temos o paralelo de 1°, o paralelo de 2°, o de 45°, etc.

O intervallo entre dois paralelos de grão é dividido em 60 novos intervallos de *minuto*, e cada intervallo de minuto em 60 intervallos de *segundo*.

Assim, diremos que pela cidade do Rio de Janeiro passa o paralelo 22° 45' 23'', Sul.

Ha quatro paralelos particularmente dignos de nota. São os dois *Tropicos* e os dois *Circulos polares*

*Tropicos* são dois paralelos que distam do equador cerca de 23°27', um ao Norte e outro ao Sul. O do Norte chama-se *Tropico de Cancer*, e o do Sul *Tropico de Capricornio*.

Por que é que assim se chamam? Porque passam no céu pelos grupos de estrellas, ou constellações, que têm, respectivamente, os nomes de constellação de *Cancer* (ou do Caranguejo), e constellação de *Capricornio*.

*Circulos polares* são dois paralelos, um ao Norte e outro ao Sul, que distam tanto dos respectivos polos quanto do equador os dois tropicos cerca de 23°27'

A um delles chamamos *Circulo polar do Norte*, ou *arctico*, ao outro, *Circulo polar do Sul*, ou *antarctico*.

A que distancia do equador ficam os circulos polares? Um breve raciocinio vos mostrará que essa distancia equivale á differença entre 90° e 23°27': é de 66°63'.

Disse-vos que os tropicos e os circulos polares são particularmente dignos de nota. Por que? perguntareis.

Primeiro porque são elles que divi-

dem a Terra em cinco *zonas*: uma entre os dois tropicos, dividida a meio pelo equador; uma entre cada tropico e o circulo polar do mesmo hemispherio, uma em torno de cada polo, limitada pelo respectivo circulo polar. *Zonas do globo* são, pois, as cinco partes em que a Terra fica dividida pelos circulos polares e pelos tropicos.

A Terra, como sabeis, é aquecida pelos raios do Sol. Os raios solares aquecem tanto mais a Terra, quanto mais verticalmente (se assim nos podemos exprimir) incidem sobre a superficie do planeta, e tanto menos á Terra aproveita o calor, quanto mais obliquamente incidem os raios.

Ora, na região ou zona situada entre os dois tropicos os raios solares incidem verticalmente, ou quasi verticalmente, sobre a Terra. Dahi resulta um aquecimento muito consideravel. Nessa região, a que denominamos *zona tropical*, ou *zona torrida* (esta ultima denominação é hoje, por impropria, quasi desusada), faz, *em geral*, mais calor do que nas outras. Digo-vos *em geral* porque ha factores que modificam a temperatura de tal sorte, que em plena zona tropical se pode sentir, em certos pontos, um frio intensissimo. Basta que vos lembreis da altitude: os logares altos são mais frescos que os logares baixos. Lembrae-vos de que, quando no Rio de Janeiro o calor escalda, basta subirmos a uma de nossas montanhas, o Corcovado, o Pão de Assucar, a Urca, Santa Teresa, para experimentarmos a baixa agradabilissima da temperatura. E Petropolis, então? A duas horas de distancia do Rio, acha-se a uma altitude tão boa, que sahimos da Praia Formosa com um calor de abrasar e vamos dormir puxando cobertores.

Nas regiões comprehendidas entre os tropicos e os circulos polares, já os raios do sol incidem obliquamente, e então aquecem menos. Eis por que a essas duas regiões damos o nome de *zonas temperadas*.

Ha uma zona temperada septentrional e outra meridional.

Se olhardes o globo, vereis que o nosso Brasil tem a maior parte de seu territorio na zona tropical, e uma pequena porção na zona temperada meridional.

Nas regiões limitadas pelos circulos polares, então, é que os raios do sol, ca-

hindo parallelamente á superficie da terra, são quasi inuteis: quasi não aquecem. Por isto, a essas regiões, sempre frias, damos o nome de *zonas glaciaes, frias, gidas, ou polares*. Uma é a zona glacial arctica, e outra a zona glacial antarctica.

OTHELLO REIS

## LINGUA MATERNA

1.º ANNO

### O Café

Exercicio oral.

A's 7 horas Lulú está prompto para tomar café.

—Que cheiro agradável! e como está gostoso! exclama elle ao começar. —Que é o café, mamãe?

Assim, ou de outro modo, comece a professora a palestrar com a classe a respeito d'essa bebida tão saborosa, a predileta dos brasileiros e de muitos estrangeiros. Não no deve fazer, porém, sem desenhar no quadro negro um galho de cafeeiro com as respectivas folhas, flores e fructos. Talvez não seja muito difficil munir-se de estampas que muito a auxiliarão, ou mesmo de um ramo natural, porquanto em varias chácaras nossas ha cafeeiros cujas folhas brilhantes e intensamente verdes as crianças terão grande alegria em conhecer.

Mostrar-lhes-á, então, que é fruto o café; sua fórma, tamanho, côr (no estado de maturidade); fará as mesmas abservações quanto ás folhas e ás flores, dizendo tambem o numero aproximado destas e o ponto em que se inserem; nome do arbusto que o produz, e do terreno onde é este cultivado.

Noutra lição recapitulará essas noções e fará um resumo do tratamento que soffre o café até o momento de ser tomado. Poderá tambem alludir, de modo muito simples, lembrando casos de prescripção e do café, para fazer comprehender que não no podemos usar em excesso.

Dirá que o Brasil inteiro o pode produzir, destacando o estado maior productor.

Nota—A collaboração das crianças, manifestando suas observações domesticas, é indispensavel em todas as

lições de linguagem oral, porque — é falando que se aprende a falar.

Exercicio escripto — A professora construirá a phrase que dará a copiar ou dictará a seus alumnos cujo adiantamento nos primeiros menses lectivos, só ella conhece.

2.º ANNO

### UMA JOIA

#### LEITURA E RECITAÇÃO

—Das aves que ha pela terra Não sei qual seja a menor, Si bem que tenha aprendido Que é o avestruz a maior.

—A menor das avezinhas, Que o velho mundo não tem, Que beija os cravos vermelhos E ama a candida cecem,

E' a «joia da natureza» De biquinho zumbidor, Delicadeza que vò... Quem não sabe? é o beija-flor.

*Presciliana Duarte de Almeida.*

Explicadas palavras e expressões da poesia, que a professora escreverá no quadro negro para ser copiada pelos alumnos, poderão elles fazer composição, tal a simplicidade desses versos, ou completarão phrases como: A mais pequenina ave da natureza é o... e a maior é o... etc.

3.º ANNO

*Bilhete ao vovô—Tratamento Sr.*

Recebestes de um priminho uma carta, e, com ella, um presente. Contae ao vovô o prazer que sentistes, mas dizer-lhe que não é completo, e explicareis a razão. E' que vosso priminho conseguiu apanhar na matta de sua fazenda—um sabiá, e, sabendo quanto amaes as aves, vo-lo

enviou. O passaro está mudo e triste; ainda não lhe ouvistes o canto; estaes tão penalizado, que o pretendeis soltar.

Parece-vos que a ave morrerá sem ar, si continuar presa na gaiola. Ainda hontem, ao mudar-lhe a agua, fivestes impeto de abrir-lhe a porta. Não tendes alegria, vendo o pobre sem liberdade mas receiaes que vosso priminho se zangue, si fizerdes o que o coração exige. Assim, só o vovô vos poderá aconselhar e aguardaes urgente resposta.

Despedi-vos, promettendo-lhe fazer o que vos disser.

—  
4.º ANNO

*Carta ao vovô — Tratamento vós*

O mesmo assumpto dado para o bilhete do 3º anno.

—  
5.º ANNO

*Conto — A fronteira da Patria*

Mês de Maio, das noites enluaradas e bellas, precedidas de tardes suaves e tristes. Desabrocham nos jardins, os monsenhores e as rosas.

Triste como aquella tarde, chegara á casa Mario, criança talentosa, mas indolente.

Estava pensativo; sentado na grama, a aspirar o perfume das flores, abriu o compendio de Chorographia, mas, desviando o olhar do livro, fitava o céu de azul purissimo, pensando no vexame que sofrera aquella dia. Visitara a escola um estrangeiro homem culto e devotado ao ensino.

Percorrera o predio, as diferentes classes e detivera-se na sua, para assistir á arguição. Recapitulava a professora as fronteiras do Brasil. Depois de interrogar diversos alumnos, obtendo respostas acertadas, dirigiu-se-lhe: Dize-me meu filho, a fronteira com o Paraguay.

Elle empallideceu; desconhecia, por completo a linha divisoria, pois não abria o livro.

Que vexame! Mudo, de cabeça baixa, deixara bem patente sua falta de amor ao estudo e á Patria. Em tão afflictiva situação, estivera alguns minutos até que a professora perguntasse a outro, sem nada dizer-lhe. Ah! mas, elle comprehendeu-a!

Como se sentiu amesquinhado pe-

rante os collegas e o estrangeiro! Que diria aquelle homem, de sua ignorancia a respeito de assumpto tão importante? Que magoa causára a sua professora, sempre paciente e solícita a tirar-lhe as duvidas!

Não era brasileiro, visto que não sabia honrar a terra onde nascera. Isso era vergonhoso, agóra o reconhecia.

Como é possível, a quem nasce sob este céu azul, ao calor deste sol fecundador de searas, á beira destas praias marulhasas ou no centro das florestas farfalhantes, desconhecer sua terra natal, ignorar-lhe a fronteira?!

Dera bem patente prova de seu desamor pelos livros; cumpria-lhe agóra, tornar-se laborioso e bom estudante.

Dominado pelo remorso de haver descurado da geographia de seu Brasil amado, Mario chorou, tomando a firme resolução de procurar conhecer profundamente tudo que dissesse respeito á Terra de Santa Cruz.

—  
6.º ANNO

*Dictado — 13 de Maio*

Maio. Um sopro de brisa suave e acariciadora desperta a natureza ainda somnolenta e faz tremular a Bandeira que, ufana, se ostenta no topo dos mastros. E' o 13 de Maio que surgiu ao farfalhar dos palmares, o entrechocar das cachoeiras, o gorgear dos passaros, o murmurejar dos rios—voz desta Patria sacrosanta.

E' dia de gala para este Brasil, « gigante pela propria natureza », pois assignala a redempção de uma raça opprimida.

Como si fossem cantos de alleluia sobem ao altar da Patria, as notas melodiosas do Hymno Nacional.

Um preito de saudade e veneração aos abolicionistas, heróes que se bateram pela mais justa das causas—a egualdade das raças.

Gloria aos abolicionistas!

—  
7.º ANNO

**Composição**

*A caixinha de lembranças da vovô*

Nota—Deixemos aos alumnos desta classe, inteira liberdade para desenvolver o thema proposto.

**ESTUDO SCIENTIFICO**

**Arithmetica**

5º ANNO

Começando as aulas do 5º e ultimo anno de estudos primarios de arithmetica pelas noções indispensaveis ao conhecimento pratico das duas ultimas operações—potenciação e radiciação—deve o professor recapitular com os alumnos, por meio de arguição, tudo quanto já foi estudado relativamente ao assumpto: que se deve entender por potencia de um numero—qual a notação correspondente—porque a elevação á potencia constitue uma operação arithmetica—nomes dados ás differentes potencias etc. e analogamente em relação á extracção de raiz.

Mostrará depois que as denominações dadas á 2ª e á 3ª potencia dos numeros ou, como tambem se diz, á potencia do 2º gráo e á do 3º, têm origem na geometria, visto como a primeira resulta do facto—de ter a superficie de um quadrado por medida o producto de um lado por si mesmo, o que corresponde a ser expressa por um producto de dous factores iguaes; e a segunda resurta de ser o volume de um cubo expresso por um producto de tres factores eguaes.

Sendo os alumnos de arithmetica tambem alumnos das demais disciplinas do curso primario e na mesma escola e com o mesmo professor, devem já ter adquirido taes conhecimentos nas aulas de geometria pratica elemental correspondentes ao 4º anno, de modo que não será indispensavel retomar o professor o assumpto e repetir as explicações salvo em casos especiaes que é desnecessario indicar aqui.

Fará vêr depois que por analogia com as expressões—quadrado e cubo—tambem se dá o nome de raiz quadrada e raiz cubica—ás raizes do 2º e do 3º gráo.

Entrando propriamente em materia, mostrará que—consistindo a potenciação numa simples multiplicação, parece não haver necessidade de estudar separadamente aquella operação, bastando para effectual-a formar o producto de tantos factores iguaes ao numero que se

quer elevar á potencia quantas forem as unidades do expoente d'essa mesma potencia; entretanto, se passarmos em rapida revista as potencias dos proprios numeros simples, havemos de verificar que ellas attingem rapidamente numeros consideraveis e que empregar portanto para determinal-as o processo natural, espontaneo, da realização de successivas multiplicações, não só constituiria trabalho penoso como principalmente susceptivel de erros.

Tomemos alguns exemplos:

potencias successivas de 2:  $2^1: 2$ ;  $2^2: 2 \times 2 = 4$ ;  $2^3: 2 \times 2 \times 2 = 8$ ;  $2^4: = 2 \times 2 \times 2 \times 2 = 16$ ;  $2^5: 2 \times 2 \times 2 \times 2 \times 2 = 32$ ;  $2^6: 2 \times 2 \times 2 \times 2 \times 2 \times 2 = 64$ ;  $2^7: 2 \times 2 \times 2 \times 2 \times 2 \times 2 \times 2 = 128$ ;  $2^8: 2 \times 2 = 256$ ;  $2^9: 2 \times 2 = 512$ ; etc.; potencias successivas de 3: 3, 9, 27, 81, 243, 720, 2187, 6561, 10683, etc.; potencias successivas de 4: 4, 16, 64, 256, 1024, 4096, 16384, 65536, 262144, etc.

E' desnecessario insistir para se comprehender a que numeros consideraveis se chega mesmo na determinação de potencias de baixo gráo e de numeros muito pequenos. Assim, e para de algum modo remover a dificuldade, estabeleceram-se principios, que auxiliam consideravelmente a operação, visto como se desdobram em outras faceis de effectuar.

E' bem verdade que o desenvolvimento das potencias dos numeros compostos segue uma lei de formação que permite determinar directamente qualquer potencia sem ser preciso recorrer ao processo espontaneo, e que constitue o que se poderia chamar o processo especial da potenciação; como isso, porém, excede os limites de um programma primario, trataremos aqui sómente do que póde convir aos exercicios dos alumnos do ultimo anno primario e especialmente no que se refere á elevação ao quadrado.

Vejamos alguns dos mencionados principios:

—Para se formar uma potencia qualquer de 10 basta escrever á direita da unidade tantos zeros quantos forem

as unidades do expoente da potencia.  
 Assim: 1ª potencia de 10=10  
 2ª potencia de 10 ou 10<sup>2</sup>=10×10=100  
 3ª potencia de 10 ou 10<sup>3</sup>=10×10×10=1000  
 4ª potencia de 10 ou 10<sup>4</sup>=10×10×10×10=10000 e assim successivamente.

Para se formar o producto de numeros iguaes elevados a expoentes diferentes, basta elevar esse numero a um expoente expresso pela somma dos expoentes dos factores.

Effectivamente,

$$5^2 \times 5^3 = 5 \times 5 \times 5 \times 5 \times 5 = 5^5$$

$$4^3 \times 4^6 = 4 \times 4 = 4^9$$

$$2^5 \times 2^8 = 2 \times 2 = 2^{13}$$

—Para se effectuar a divisão de numeros iguaes elevados a expoentes diferentes, basta elevar esse numero a um expoente expresso pela differença entre o expoente do dividendo e o do divisor.

Assim,

$$\frac{8^5}{8^2} = \frac{8 \times 8 \times 8 \times 8 \times 8}{8 \times 8} = 8 \times 8 \times 8 = 8^3$$

e como 3=5-2, effectivamente

$$\frac{8^5}{8^2} = 8^3 = 8^{5-2}$$

D'este principio se pôde concluir que a potencia zero de qualquer numero é igual á unidade.

De facto, se tivéssemos a dividir 8<sup>5</sup> por 8<sup>5</sup>, teriamos pelo principio acima:

$$\frac{8^5}{8^5} = 8^{5-5}$$

e sendo 5-5=0

$$\frac{8^5}{8^5} = 8^{5-5} = 8^0$$

Ora, por outro lado, o quociente da divisão de qualquer numero por si mesmo é igual á unidade; logo,

$$\frac{8^5}{8^5} = 1$$

e se tanto 8<sup>0</sup> como 1 exprimem ou representam o quociente da divisão de 8<sup>5</sup> por 8<sup>5</sup> é que 8<sup>0</sup> e 1 são numeros iguaes. Assim, a unidade é a potencia zero de todos os numeros.

—Para se elevar um producto a uma potencia, basta elevar a essa potencia cada um dos seus factores.

Seja o producto 3×4×7 a elevar ao quadrado.

Teremos

$$(3 \times 4 \times 7)^2 = 3 \times 4 \times 7 \times 3 \times 4 \times 7$$

Sendo sempre possivel alterar a ordem dos factores, poderemos collocar os dous factores iguaes a 3, depois os dous factores iguaes a 4 e por fim os dous factores iguaes a 7; e teremos:

$$(3 \times 4 \times 7)^2 = 3 \times 4 \times 7 \times 3 \times 4 \times 7 = 3 \times 3 \times 4 \times 4 \times 7 \times 7$$

e finalmente, attendendo a que

$$3 \times 3 = 3^2; 4 \times 4 = 4^2; 7 \times 7 = 7^2$$

virá:

$$(3 \times 4 \times 7)^2 = 3 \times 4 \times 7 \times 3 \times 4 \times 7 = 3 \times 3 \times 4 \times 4 \times 7 \times 7 = 3^2 \times 4^2 \times 7^2$$

—O quadrado de uma somma de duas parcelas é sempre igual ao quadrado da 1ª parcella, mais o dobro do producto da 1ª parcella pela 2ª, mais o quadrado da 2ª.

Seja 5+7 a somma de duas parcelas a elevar ao quadrado ou

$$(5 + 7)^2$$

Elevar 5+7 ao quadrado é evi-

dentemente multiplicar 5+7 por 5+7; logo

$$(5 + 7)^2 = (5 + 7) (5 + 7)$$

Para se multiplicar uma somma por outra (v. lições anteriores) basta multiplicar cada uma das parcelas da primeira por cada uma das parcelas da 2ª e sommar os productos obtidos; assim,

$$(5 + 7)^2 = (5 + 7) (5 + 7) = 5 \times 5 + 5 \times 7 + 7 \times 5 + 7 \times 7$$

e sendo: 5×5=5<sup>2</sup>; 5×7=7×5 d'onde se conclúe que 5×7+7×5 é o dobro de 5×7 ou 2 vezes 5×7; e 7×7=7<sup>2</sup> teremos finalmente.

$$(5 + 7)^2 = (5 + 7) (5 + 7) = 5 \times 5 + 5 \times 7 + 7 \times 5 + 7 \times 7 = 5^2 + 2(5 \times 7) + 7^2$$

o que confirma o principio.

D'elle podemos concluir que — sendo todo o numero composto susceptivel de desdobrar-se em uma somma de duas parcelas, constituida uma pelas dezenas e a outra pelas unidades simples, o quadrado de qualquer numero composto pôde ser considerado o quadrado de uma somma de duas parcelas e assim forçosamente formado—do quadrado da 1ª parcella (dezenas) mais o dobro da 1ª parcella pela 2ª (dobro das dezenas pelas unidades simples) mais o quadrado da 2ª parcella (quadrado das unidades).

Seja o numero 34 a elevar ao quadrado.

$$34^2 = (30 + 4)^2 = 30^2 + 2(30 \times 4) + 4^2 = 30^2 + 2 \times 30 \times 4 + 4^2 = 900 + 240 + 16 = 1156$$

Poderiamos ter applicado ainda, a este e a outros quaesquer numeros compostos, no intuito de tornar mais facil a determinação do respectivo quadrado

alguns dos principios já estudados nesta lição.

Vejamus essa applicação ao proprio numero 34:

$$34^2 = (30 + 4)^2$$

sendo 30 = 3×10, teremos:

$$34^2 = (30 + 4)^2 = [(3 \times 10) + 4]^2$$

Applicando o principio relativo ao quadrado de uma somma de duas parcelas, virá:

$$34^2 (30 + 4)^2 = [(3 \times 10) + 4]^2 = (3 \times 10)^2 + [2(3 \times 10) \times 4] + 4^2$$

Applicando agora á 1ª parcella o principio relativo á potencia de um producto:

$$34^2 = (30 + 4)^2 = [(3 \times 10) + 4]^2 = (3 \times 10)^2 + [2(3 \times 10) \times 4] + 4^2 = 3^2 \times 10^2 + 2(3 \times 4) \times 10 + 4^2 = 9 \times 100 + 240 + 16 = 900 + 240 + 16 = 1156$$

Seja agora o numero 257 a elevar ao quadrado

Decompondo-o em dezenas e unidades, teriamos

$$257 = 250 + 7 = (25 \times 10) + 7$$

logo

$$257^2 = (250 + 7)^2 = [(25 \times 10) + 7]^2$$

Applicando o principio relativo ao quadrado de uma somma de duas parcelas, teremos:

$$257^2 = (250 + 7)^2 = [(25 \times 10) + 7]^2 =$$

$$= (25 \times 10)^2 + 2(25 \times 10) \times 7 + 7^2$$

Applicando agora o principio relativo á potencia de um producto:

$$257^2 = (250 + 7)^2 = [(25 \times 10) + 7]^2 =$$

$$= (25 \times 10)^2 + 2(25 \times 10) \times 7 + 7^2 =$$

$$= 25^2 \times 10^2 + 2(25 \times 7) \times 10 + 7^2$$

Procedendo, para determinação do quadrado de 25, do mesmo modo que procedemos acima em relação ao numero 257, teremos:

$$25^2 = (20 + 5)^2 = [(2 \times 10) + 5]^2 =$$

$$= (2 \times 10)^2 + 2(2 \times 10) \times 5 + 5^2 =$$

$$2^2 \times 10^2 + 2(2 \times 5) \times 10 + 5^2$$

Substituindo-se pois na determinação do quadrado de 257 o quadrado de 25 pelo seu valor, acima obtido, teremos:

$$257^2 = (250 + 7)^2 = [(25 \times 10) + 7]^2 =$$

$$= (25 \times 10)^2 + 2(25 \times 10 \times 7) + 7^2 =$$

$$= 25^2 \times 10^2 + 2(25 \times 7) \times 10 + 7^2 =$$

$$= [2^2 \times 10^2 + 2(2 \times 5) \times 10 + 5^2] \times 10^2 +$$

$$+ 2(25 \times 7) \times 10 + 7^2 =$$

$$= (2^2 \times 10^2) \times 10^2 + [2(2 \times 5) \times 10] \times$$

$$\times 10^2 + 5^2 \times 10^2 + 2(25 \times 7) \times 10 + 7^2 =$$

$$= 2^2 \times 10^2 \times 10^2 + [2(2 \times 5) \times 10 + 5^2] \times$$

$$\times 10^2 + 2(25 \times 7) \times 10 + 7^2 =$$

$$= 2^2 \times 10^4 + [2(2 \times 5 \times 10 + 5^2)] \times 10$$

$$+ 2(25 \times 7) \times 10 + 7^2$$

Applicando-se a regra acima, teremos:

$$345^2 = 3^2 \times 10^4 + [2(3 \times 4) \times 10 + 4^2] \times 10^2$$

$$+ [2(34 \times 5) \times 10] + 5^2 =$$

$$= 9 \times 10000 + (240 + 16) \times 100 +$$

$$+ 3400 + 25 =$$

$$= 90000 = 25600 + 3409 + 25 =$$

$$= 119025$$

Ainda um exemplo:

$$8367^2 = 8^2 \times 10^6 + [2(8 \times 3) \times 10 + 3^2] \times 10^3$$

$$+ [2(83 \times 6) \times 10 + 6^2] \times 10 +$$

$$+ [2(836 \times 7) \times 10] + 7^2 =$$

$$= 64 \times 1000000 + (480 + 9) \times 10000 +$$

$$+ (9960 + 36) \times 100 + 117040 + 49 =$$

$$= 64000000 + 4890000 +$$

$$+ 999600 + 117040 + 49 + 49 =$$

$$= 70006589$$

OLYMPIA DO COUTTO

(Continúa)

### O Seguro de Vida no Brasil

COMO SE ESTÃO DESENVOLVENDO ENTRÉ NÓS OS HABITANTES DE PREVIDENCIA — AS ULTIMAS CIFRAS DA «SUL-AMERICA» — COMPARAÇÕES PERCENTUAES COM ALGUMAS DAS GRANDES COMPANHIAS MUNDIAES DE SEGUROS DE VIDA — CENTO E DEZ MIL CONTOS PAGOS DE SINISTROS, RESGATES E LIQUIDAÇÃO E SOBRES — QUASI QUARENTA MIL CONTOS DE RECEITA ANNUAL

O «Paiz» publicou em sua edição de 24 de Maio o seguinte artigo editorial sobre o desenvolvimento do seguro de vida no Brasil:

«Um dos característicos mais impressionantes do nosso progresso social, encarado tanto sob o aspecto moral como pelo lado da sua correspondencia com o maior bem-estar material da população, é, sem duvida, o incremento verdadeiramente notavel que está tendo, nestes ultimos annos entre nós, a instituição do seguro de vida.

Se compararmos a modestia das cifras das companhias brasileiras e estrangeiras operantes no paiz, ha alguns annos, com as sommas dos seus balanços de agora, esse progresso resalta por fórma inilludível e altamente lisonjeira para o espirito de previdencia dos brasileiros e para o desenvolvimento das nossas companhias de seguros.

E' corrente a observação de que nenhum indlce existe, na nossa época, mais significativo do progresso de um paiz do que o florescimento das suas emprezas de segno.

Quanto mais prospero um paiz, maiores as suas instituições de previdencia, e, portanto, mais solidas e mais progressistas as suas companhias de seguros. Por isto mesmo, o paradigma das grandes emprezas asseguradoras está, hoje, nos Estados Unidos da America do Norte, que possuem as maiores companhias de seguros do mundo.

A «New-York Life», que operou, até ha pouco no Brasil, tendo transferido, ultimamente, as suas carteirás para a «Sul America»; a «Equitable» e a «Mutual Life», para só nos referirmos a algumas das maiores companhias norte-americanas, são um admiravel exemplo do incremento, cada vez maior, do seguro de vida nos Estados Uuidos.

Altamente interessante para nós é fazer uma comparação percentual dos augmentos nos seguros pagos e nos seguros em vigor, entre essas tres grandes companhias norte-americanas e a maior das companhias brasileiras que é a «Sul America».

Comparando as cifras constantes dos balanços dos annos de 1923 e 1924, das mencionadas companhias, verificamos o seguinte:

Na «New-York Life» a percentagem do augmento nos seguros pagos foi de 6,90 % e a dos seguros em vigor de 7,27 %; na «Equitable» seguros pagos 6,05 % e seguros em vigor, 11,72 %; na «Mutual Life», seguros pagos 5,54 %, e seguros em vigor 6,78 %.

Ao lado destas grandes companhias norte-americanas a «Sul-America», cujo movimento é maior do que o das demais companhias brasileiras reunidas, fica, no seu augmento percen-

tual, situada em posição de admiravel destaque. Com effeito, em 31 de março de 1924, os seguros pagos da «Sul-America» attingiam a Rs. 116.628:373\$000; e em igual data do anno seguinte, a Rs. 170.084:170\$000, verificando-se, pois no decurso de um anno, o augmento ds Rs. 53.455:797\$000, ou sejam 45,83 %, percentagem, como se vê, extraordinariamente maior do que a de qualquer das tres citadas companhias norte-americanas.

Quanto aos seguros em vigor, os algarismos da «Sul-America», nas mesmas datas, foram os seguintes: em 31 de março de 1924, Rs. 395.000:000\$000, iucluidas as carteiras da «New-York Life», constatando-se, assim, um augmento de Rs. 250.000:000\$000, ou sejam 38,75 % total tambem muito longe de qualquer das mencionadas companhias norte-americanas.

Estes algarismos demonstram, por um lado, quanto a instituição do seguro de vida está progredindo no Brasil, e por outro, quanto é solido o progresso da «Sul-America», que é hoje em dia, possivelmente, a companhia de maior expansão em toda a America.

Vem a proposito, tambem, vulgarizar algumas das ultimas cifras da «Sul-America», ajuda sujeitas á revisão. No anno transacto, pagou essa companhia réis 4.800:000\$000 de sinistros; pagou a segurados sobreviventes, em liquidação de apolices vencidas e resgatadas, réis 4.640:000\$000; pagou de sobras aos segurados, 1.900:000\$000; fez emprestimos aos seus segurados, sob caução das suas apolices, no valor de 16.800:000\$000.

Desde a sua fundação, pagou essa mesma companhia, de sinistros, resgates e liquidação e sobras, a somma total de Rs. .... 109.955:000\$000.

Não menos surprehendente foi a receita do exercicio de 1924-1925, que subiu ao total de Rs. 39.900:000\$000 assim dividido: premios e renovações réis 33.000:000\$000; juros e alugueis, réis 6.900:000\$000.

Comparadas estas verbas com as do exercicio immediatamente anterior, verifica-se um augmento, de um anno para outro de Rs. 14.671:000\$000, ou sejam mais de mil contos por mez a mais da receita anterior!

Estes algarismos são verdadeiramente impressionantes e mostram quanto vão se generalizando entre nós, felizmente, os habitos de previdencia. Ao mesmo tempo, elles patenteiam que a «Sul-America» está realizando uma obra de progresso que pôde ser vantajosamente cotejada com as das maiores companhias do mundo.

As cifras que publicamos nsste ligeiro commentario chegam-nos as mãos com as circulares e graphicos que a «Sul-America» está, como é de seu costume, todos os annos, dirigindo aos seus representantes e agentes. As cifras das companhias estrangeiras a que nos reportamos constam das ultimas publicações officiaes norte-americanas sobre seguros de vida.

Achamos de todo o ponto curioso assgnalar essa comparação entre uma companhia brasileira e as mencionadas emprezas estrangeiras que são das maiores e mais acreditadas em todo o mundo.

# Collecção do anno 1924-25

## d'A Escola Primaria

Forma um volume de mais de 300 paginas  
com indice alphabetico

Artigos doutrinarios

Lições e exercicios praticos que constituem  
excellente guia para o professor

PREÇO	}	encadernada .....	14\$000
		cartonada .....	12\$000
		em avulsos .....	11\$000

Dirigir os pedidos á Redacção d'A ESCOLA PRIMARIA

Rua 7 de Setembro, 174

RIO DE JANEIRO

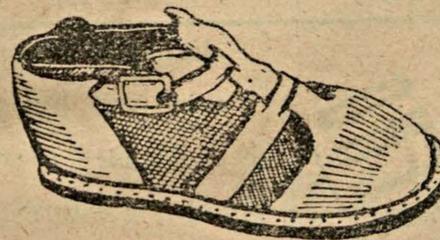
### Casa Guiomar

Calçado "dado"

A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

AVENIDA PASSOS, 120—Rio

A CASA GUIOMAR lança no mercado mais uma  
marca de sua criação



BA-TA-CLAN

Em vaqueta escura:

de ns. 17 a 26.....	5\$500
de ns. 27 a 32.....	6\$500
de ns. 33 a 40.....	8\$500

Envernizadas:

de ns. 17 a 26.....	8\$000
de ns. 27 a 32.....	10\$000
de ns. 33 a 40.....	12\$000

Pelo Correio, mais 1\$500 por par

Remettem-se catalogos illustrados gratis para o  
interior a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA

Chocolate e café Só

## ANDALUZA

RIO DE JANEIRO

FABRICA

RUA DOS ADRADAS

## Elixir de INHAME



Impurezas do sangue,  
molestias da pelle,

sýphilis adquirida  
ou hereditaria.

DEPURA-FORTALECE-ENGORDA

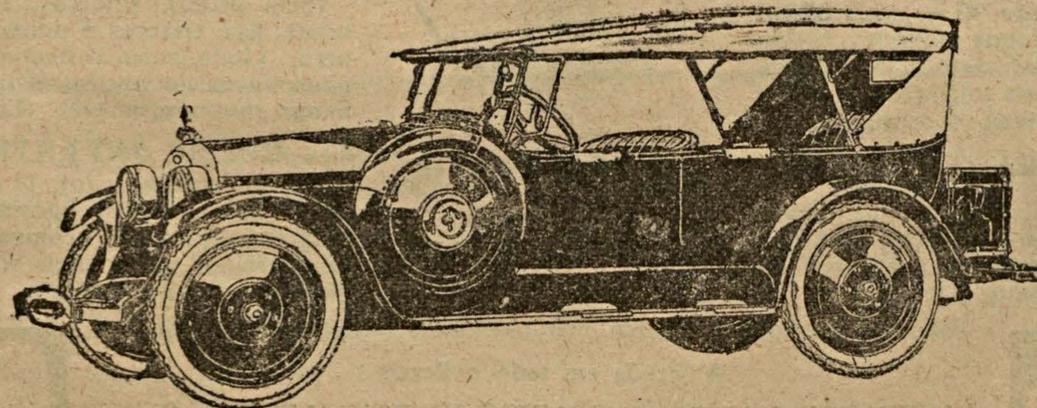
Tão saboroso como qualquer  
licor de mesa

Lic. em 17-10-914 sob o N.º 255

## «NASH» o carro ideal

Notavel pela sua belleza, força, Commodidade, duração e economia.  
O carro NASH é o que mais convem para o serviço da praça, não só pelas suas qualidades  
como pelas vantagens que offerece aos chauffeurs e particulares

VENDA A LONGO PRAZO

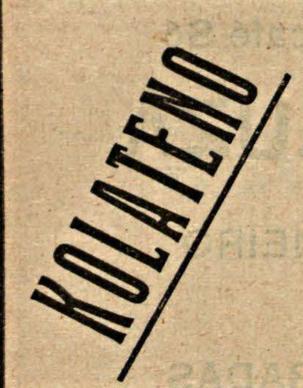
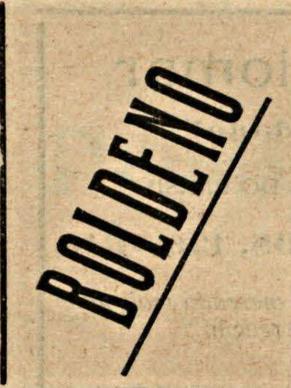


OS NOVOS MODELOS DOS CARROS NASH DE 4 E 6 CYLINDROS

AUTO GERAL

Companhia Commercial e Maritima

RUA BENEDICTINOS, 1 a 7 — (Esq. da Av. Rio Branco) RIO DE JANEIRO

	<p><b>O MAIOR TONICO</b> da fadiga nervosa, da fadiga cerebral, da depressão em geral Composição de kola fresca, malt e phosphato de sodio Licença da Saude Publica n. 726</p>		<p>Corrige a insuficiencia hepatica, biliar, a congestão chronica do figado dos dyspep- ticos e a retenção biliar na vesicula. BASE: boldo, pichi e benzoato de sodio Licença da Saude Publica n. 767</p>
	<p>Sem igual para combater a prisão de ventre habitual e a dyspepsia gastrica Reeduca o intestino Licença da Saude Publica n. 96</p>		<p>Indicado contra: espasmos, hysteria e accidentes nervosos ligados a este estado. BASE: valeriana fresca esterilizada e simulo Licença da Saude Publica n. 767</p>

RANGEL COSTA & C. — 83, Rua da Assembléa, 85 — RIO DE JANEIRO

**BARATISSIMO**

Serviço dactilographicos.  
Point-a-jour com perfeição  
ROCILDA PIAUHYLINA LOPES  Aurora 225 — 2º andar  
 RECIFE 

**Cathecismo Civico**

= DE =

**ARAUJO CASTRO**

A' venda nas principaes livrarias

**UNIÃO MANUFACTORA DE ROUPAS**

se  
tr *Proprietaria das maiores fabricas de roupas brancas da America do Sul*

(Sociedade Anonyma)

CAPITAL INTEGRALIZADO 1.500:000\$000

FABRICAS:

RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412—RUA GONÇALVES CRESPO, 43 e 45  
RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Departamento de Vendas Geraes — RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Escritorio — RUA HADDOCK-LOBO, 406, 408, 410 e 412



**CURE-SE E FORTALEÇA SEU FILHO**

**MUSTENIL**

XAROPE

(Aconito-allium-belladona-bromo-  
formio-louro-cerejo) Poderoso espe-  
cifico dos bronchios. Tosses rebeldes-  
anginas-grippe-resfriados-coquelu-  
che e asthma. (Lic. 3064.)

**LACTOVERMIL**

Polyvermicida 90 o/o mais eficaz  
que os vermifugos communs. Usado  
pelo Dep. Nac. de Saude Publica.  
e receitado pela totalidade da classe  
medica do Brasil. (Lic. 408).

**LAXO PURGATIVO INFANTIL**

Base manita (do maná). Unico  
no genero para crianças, é eficaz,  
tem sabor de assucar e não habi-  
tua o organismo. (Lic. 407).



Todos os preparados trazem nos rotulos as fórmulas respectivas.

A' venda em todo o Brasil

LABORATÓRIO NUTROTHERAPICO Dr. RAUL LEITE & Cia.

Rua Gonçalves Dias 73 — Rio



**PEPSIL**

Tri-digestivo infantil (papaina-mal-  
tina-pancreatina-vitaminas). Poderoso  
auxiliar da digestão e corrector  
das perturbações na nutrição da  
criança. (Lic. 3008).

**TONICO INFANTIL**

(CONCENTRADO)

(Sem alcool). Poderoso reconsti-  
tuante das crianças e unico no ge-  
nero. (Iodo-tanico-arrhenoglycero-  
phospho-calcio-nucleo-vitaminoso).  
Sabor muito agradável. (Lic. 406).

**CREME INFANTIL**

(Em pó dextrinizado). 14 varieda-  
des de farinhas, com digestão quasi  
feita. Os pacotes são acompanhados  
de conselhos muito uteis sobre re-  
gime alimentar e hygiene.



# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Libero Badaró, 19

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional . . . . .	\$600
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
3º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	1\$000

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia . . . . .	\$60
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$50
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$50

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
5º Livro de Leitura . . . . .	3\$500

## SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica . . . . .	1\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
O Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães . . . . .	1\$000
Primeiras Leituras . . . . .	2\$000
Leituras Moraes . . . . .	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura . . . . .	1\$800
Cartilha . . . . .	2\$500
Leitura Preparatoria . . . . .	2\$500
1º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	4\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	4\$000

## JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
5º Livro de Leitura . . . . .	4\$000
Leituras Praticas . . . . .	3\$000
Fabulas (em verso) . . . . .	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria . . . . .	2\$000
Leitura para o 2º anno . . . . .	2\$500
Leitura para o 3º anno . . . . .	2\$000
Leitura para o 4º anno . . . . .	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias . . . . .	2\$000
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000

## ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura . . . . .	\$900
Novo 1º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000

## FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler . . . . .	\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$600
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
Excursões escolares . . . . .	1\$000

## DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro . . . . .	1\$500
Vida Infantil 2º Livro . . . . .	2\$000
Vida Infantil 3º Livro . . . . .	2\$000

## COLLECÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro . . . . .	1\$000
Novos principios de Leitura . . . . .	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, as 2 partes . . . . .	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte . . . . .	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte . . . . .	2\$000
Compendio de Historia Sagrada . . . . .	2\$000
Noções de Sciencias . . . . .	2\$000
Anthologia (3º livro da coll.) . . . . .	6\$000
Anthologia (4º livro da coll.) . . . . .	6\$000
E. DE AMICIS — Coração . . . . .	2\$000

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente . . . . .	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios . . . . .	3\$500
" " Patria Brasileira . . . . .	3\$500
" " Theatro Infantil . . . . .	2\$500

## CORNAZ

As creanças e os animaes . . . . .	1\$500
Novos Amigos . . . . .	2\$070
CORREIA e BARRETO—Era uma vez . . . . .	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares . . . . .	2\$000
BILAC e BOMFIM—Leitura Complementar . . . . .	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar . . . . .	3\$500

## TANCREDO AMARAL

Livros das Escolas . . . . .	3\$000
------------------------------	--------

## BARRETO E LAET

Anthologia Nacional . . . . .	6\$000
-------------------------------	--------

## EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira . . . . .	6\$000
---------------------------------	--------

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos . . . . .	3\$000
Selecta Classica . . . . .	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico . . . . .	3\$500
B. P. R.—Leitura Manuscripta . . . . .	1\$500

## A. BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica . . . . .	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infantis . . . . .	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Creanças . . . . .	2\$000
R. PUIGGARI—Album de Gravuras . . . . .	2\$000

Remettemos o nosso catalogo gratis, para todo o Brasil